

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

VALKIRIA SANTANA DAS NEVES CRUZ

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE TEXTOS IMAGÉTICOS NA
ORALIDADE 1º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – EMEIEF
VILMO ORNELAS – PRESIDENTE KENNEDY/ES**

SÃO MATEUS-ES

2022

VALKIRIA SANTANA DAS NEVES CRUZ

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE TEXTOS IMAGÉTICOS NA
ORALIDADE 1º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – EMEIEF
VILMO ORNELAS – PRESIDENTE KENNEDY/ES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Dra. Sônia Maria da Costa Barreto.

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

C957i

Cruz, Valkíria Santana das Neves.

A importância da leitura de textos imagéticos na oralidade: 1º ano do ensino fundamental – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy - ES / Valkíria Santana das Neves Cruz – São Mateus - ES, 2022.

78 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: profª. Drª. Sônia Maria da Costa Barreto.

1. Oralidade. 2. Leitura de imagens. 3. Metodologias de ensino. 4. Ensino fundamental. 5. Imagens na educação. I. Barreto, Sônia Maria da Costa. II. Título.

CDD: 372.241

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

VALKÍRIA SANTANA DAS NEVES CRUZ

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE TEXTOS IMAGÉTICOS NA ORALIDADE - 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – EMEIEF VILMO ORNELAS – PRESIDENTE KENNEDY/ES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 21 de Julho de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Sônia Maria da Costa Barreto

Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Orientador

JOCITIEL DIAS DA
SILVA:37703250791

Assinado de forma digital por JOCITIEL
DIAS DA SILVA:37703250791
Dados: 2022.08.09 15:20:36 -03'00'

Prof. Dr. Jocitiel Dias da Silva
Membro Interno

Taisa Shimosakai de Lira

Profa. Dra. Taisa Shimosakai de Lira
Membro Externo

Este trabalho é dedicado a minha família, sinônimo de amor e união. Vocês acreditaram no meu sonho e sempre me motivaram a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de mestrado é uma longa viagem, que inclui inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias e muitos percalços pelo caminho. No entanto, apesar do processo solitário a que qualquer investigador está destinado, reúnem contributos de várias pessoas, indispensáveis para encontrar o melhor rumo em cada momento da jornada. Trilhar este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas.

Especialmente a Deus, por sempre colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigada por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

A minha mãe, Maria Vanilda Santana das Neves, que nunca mediu esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiou em todas as etapas da minha vida.

Ao meu esposo Flavio Silva Cruz, pelo amor, companheirismo e apoio incondicional. Agradeço a enorme compreensão, generosidade e alegria.

A minha filha Ana Flavia Santana Cruz, que amo incondicionalmente e que muito me ajudou com todo seu conhecimento na realização dos trabalhos, sempre me dando forças e apoio.

A minha orientadora, Professora Doutora Sônia Maria da Costa Barreto, que sempre acreditou em mim. Agradeço a orientação exemplar, pautada por um elevado e rigoroso nível científico, um interesse permanente e fecundo, uma visão crítica e oportuna, um empenho inexcedível e saudavelmente exigente, os quais contribuíram para enriquecer, com grande dedicação, passo por passo, todas as etapas subjacentes ao trabalho realizado.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, pelos ensinamentos que transcendem os limites da Universidade e por todo conhecimento transmitido durante o curso do mestrado.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

Os sonhos do homem podem ser perpetuados na descoberta das crianças.

Anônimo

RESUMO

CRUZ, Valkíria Santana das Neves. **A importância da leitura de textos imagéticos na oralidade: 1º. Ano do Ensino Fundamental – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy/ES.** 2021. 78 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Vale do Cricaré. São Mateus, Espírito Santo, 2022.

Essa pesquisa tem como alvo de investigação a importância da leitura de textos imagéticos no desenvolvimento da oralidade a partir dos métodos de letramento e de oralidade, desenvolvidos com alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy, Estado do Espírito Santo. Seu objetivo geral é analisar como os professores utilizam a leitura de imagens para a construção do conhecimento, que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: relatar como a leitura verbal e não verbal estão inseridas nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula com os alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental; apresentar, no ensino de leitura, como se desenvolve a habilidade de interpretar imagens; trazer à luz da discussão, a necessidade de se pensar sobre as práticas pedagógicas aplicadas no cotidiano da sala de aula e produzir um Guia Didático contendo sugestões sobre o tema, direcionados aos professores das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Como o uso da discussão teórica, com autores e obras relevantes sobre o tema, se desdobra também à pesquisa de campo, a partir de questionário aplicado para as professoras do 1º ano da escola pesquisada. É possível destacar que, uma vez considerada a grande relevância do compartilhamento da leitura de imagens para construção de sujeitos autônomos, deve-se levar adiante a prática de ações que visem alcançar tal resultado.

Palavras-chave: Oralidade. Leitura. Ensino Fundamental – 1º. Ano.

ABSTRACT

CRUZ, Valkíria Santana das Neves. **The importance of reading imagery texts in orality: 1st. Year of Elementary School – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy/ES. 2022.** 78 f. Dissertation (Master) – University Center Vale do Cricaré. São Mateus, Espírito Santo, 2022.

This research aims to investigate the importance of reading imagery texts in the development of orality from the methods of literacy and orality, developed with students from the 1st. Year of Elementary School I of the Municipal School of Early Childhood Education and Elementary Education (EMEIEF) Vilmo Ornelas Sarlo, located in the municipality of Presidente Kennedy, State of Espírito Santo. Its general objective is to analyze how teachers use the reading of images for the construction of knowledge, which unfolds in the following specific objectives: to report how verbal and non-verbal reading are inserted in the contents developed in the classroom with students from the 1st. Year of Elementary School; to present, in the teaching of reading, how the ability to interpret images is developed; to bring to light the discussion, the need to think about the pedagogical practices applied in the daily life of the classroom and to produce a Didactic Guide containing suggestions on the subject, directed to the teachers of the 1st year of Elementary School classes. As the use of theoretical discussion, with relevant authors and works on the subject, also unfolds to field research, from a questionnaire applied to the 1st year teachers of the researched school. It is possible to highlight that, once the great importance of sharing the reading of images for the construction of autonomous subjects is considered, the practice of actions that aim to achieve this result must be carried out.

Keywords: Orality. Reading. Elementary School - 1st. year.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVO GERAL	11
1.1.1 Objetivos Específicos	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM	16
2.3 AS DIFERENTES TEORIAS ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	21
2.4 A IMAGEM E O SEU VALOR EXPRESSIVO	30
3 METODOLOGIA	34
3.1 PRESIDENTE KENNEDY/ES: CONTEXTUALIZAÇÃO	37
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES	55
APÊNDICE B – PROPOSTA DE GUIA DIDÁTICO, EM FORMA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA, PARA PROFESSORES DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	58
APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	71
ANEXOS	73
ANEXO A - LIVRO COMPLETO “NINGUÉM É IGUAL A NINGUÉM”	73

1 INTRODUÇÃO

Nascida no dia 26 de junho de 1975, a pesquisadora Valkiria Santana das Neves Cruz, concluiu o Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Presidente Kennedy/ES e cursou o Ensino Médio na Escola de 2º Grau Professora “Dadir Fricks Jordão Belônia”, também pertencente a este município, sendo habilitada para o exercício do magistério.

No ano de 1995, a pesquisadora iniciou a carreira no magistério, lecionando no Ensino Fundamental – Séries Iniciais, no município de Presidente Kennedy/ES, em escolas da zona rural. No ano de 2006, concluiu o Curso de Ciências Sociais no Centro Universitário São Camilo/ES. Dando continuidade à formação, cursou uma pós-graduação na área de “História do Brasil” na Faculdade Integrada de Jacarepaguá/RJ. Face as novas exigências da lei, que envolve a área de educação (BRASIL, 1996), fez-se necessário buscar a formação em Pedagogia, cursando assim, na Universidade de Uberaba/MG, no ano de 2010, onde teve a oportunidade de atuar em cursos técnicos e de formação, coordenação e também no Ensino Fundamental, de forma mais consistente e produtiva.

Assim, com a necessidade de ampliar ainda mais os seus conhecimentos, deu início ao curso de Mestrado no Centro Universitário Vale do Cricaré, em São Mateus/ES, tendo como proposta pesquisar a importância da leitura de textos imagéticos na oralidade no 1º. ano do Ensino Fundamental – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy/ES.

Com base na experiência profissional da autora, desde 1995 no Ensino Fundamental das séries iniciais (antiga terminologia), como já referido, pôde ela notar que a oralidade é uma forma de expressão primeira a ser aprendida pelo ser humano e é uma das dificuldades enfrentadas pela maioria dos alunos, que, quando não trabalhada adequadamente, não proporciona a formação de seres capazes de interpretar com facilidade um mundo que é formado por imagens. É inegável a necessidade da utilização de imagens como instrumento didático, que venha contribuir e despertar a curiosidade do educando, melhorando, assim, de forma significativa, seu aprendizado.

Vale ressaltar que o trabalho com a oralidade através de textos imagéticos é primordial, pois a fala é parte integrante de nossa vida e expressando-se oralmente a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se,

organiza sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de preparar um futuro profissional que seja capaz de expressar em público seus conhecimentos e ideias.

A justificativa para a escolha do assunto desta investigação dá-se pela compreensão da relevância da oralidade na leitura de textos imagéticos, visto que a criança está constantemente em contato com um mundo cada vez mais impregnado de imagens. Para tal, trazemos a importância da oralidade na leitura de textos imagéticos, os métodos de letramento e de oralidade, desenvolvidos com alunos do 1º. ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy/ES, uma vez que é de grande relevância para construção de sujeitos autônomos em compartilhar a leitura de imagens.

As imagens visuais muito contribuem como recursos de aprendizagem e ensino no ambiente educacional. Para tanto, apresentar atividades visuais com imagens, proporciona ao aluno o incentivo ao desenvolvimento de sua oralidade, visto que permite a participação, interação e aquisição do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, considerando suas práticas sociais e transformando-as no letramento crítico e, conseqüentemente, levando o aluno a interagir através da linguagem oral com o mundo, participando inteiramente no seu contexto, expondo a sua opinião, o seu pensamento crítico e a sua interpretação.

Assim, a linguagem oral é uma ferramenta importante para que o aluno possa expandir suas possibilidades de introdução e participação nas diversas práticas sociais.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional,

[...] em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica, prescindindo-se, nesse caso, de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 119).

Não se pode preterir o uso de imagens na prática educacional, como algo somente ilustrativo, pois desta forma, acaba por ignorar sua riqueza informativa, que propicia ao aluno desenvolver a sua oralidade. Portanto, a oralidade através da leitura imagética deve proporcionar ao aluno a oportunidade de sentir-se capaz de perceber os efeitos provocados por um texto não verbal.

Acreditamos, por conseguinte, considerar o seguinte problema: De que forma a leitura de textos imagéticos na sala de aula contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral e a construção do pensamento crítico dos alunos do 1º. ano do Ensino Fundamental da EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo?

Partindo, então, da problematização, apresentamos, na sequência, os objetivos da pesquisa.

1.1 OBJETIVO GERAL:

- Compreender como os professores utilizam o uso da leitura de imagens para o desenvolvimento da linguagem oral e construção do conhecimento com alunos do 1º. ano do Ensino Fundamental.

1.1.1 Objetivos Específicos:

- Relatar como a leitura verbal e não verbal estão inseridas nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula com os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental;
- Verificar como se desenvolve a habilidade de interpretar imagens no ensino da leitura;
- Produzir um Guia Didático contendo sugestões sobre o tema, direcionados aos professores das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental.

Em relação à hipótese, a linguagem oral foi utilizada primeiro que a linguagem escrita, isso se deu devido a precisão do homem se inteirar com o outro, pois a oralidade é o caminho para a socialização, onde o ser humano é capaz de mostrar o seu jeito de ser, expressar suas opiniões, desenvolver o seu conhecimento, manifestar sua criticidade no seu cotidiano. Porém, nem sempre isso acontece, pois muitos não desenvolvem a habilidade necessária para se expressar, de forma clara, oralmente.

Assim sendo, a presente pesquisa se faz relevante partindo da intenção em abranger subsídios da oralidade no contexto escolar, quando é possível detectar progressos e deficiências na linguagem oral dos alunos, principalmente nas rodas de conversas informais, nas atividades de leitura e nas interpretações textuais, verbais e não verbais.

O segundo capítulo, expõe o Referencial Teórico, que procura discutir os posicionamentos desenvolvidos por especialistas e pesquisadores da área. Ainda aponta como a leitura verbal e não verbal estão inseridas nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, bem como a habilidade de interpretar imagens.

No terceiro capítulo são expostas as diretrizes constantes na Metodologia, que indica o caminho a ser trilhado, a fim de mostrar como se dará a pesquisa, com a especificação do espaço pesquisado – a EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo” no município de Presidente Kennedy/ES, mais precisamente, na turma de primeira série do Ensino Fundamental I dessa instituição de ensino.

O quarto capítulo, composto pelos resultados da pesquisa de campo, traz a discussão sobre os mesmos, com o propósito de corroborar os pressupostos teóricos apresentados pela pesquisadora, relacionando sempre teoria e prática.

O quinto capítulo apresenta o instrumento elaborado pela autora, que, a partir das pertinências constantes no tema “a importância da oralidade na leitura de textos imagéticos”, consiste num Guia Didático contendo sugestões sobre o tema, direcionadas aos professores das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental.

As considerações finais destacam as expressões pessoais da autora, com as suas ponderações acerca de todo o processo para a concretização e finalização da pesquisa. No capítulo constam os desafios, percalços, entendimento particular e suas sugestões para trabalhos futuros na área da leitura e oralidade com a presença de textos imagéticos. Seguem as referências, apêndices e anexos.

Entendemos, portanto, que há a premente necessidade de se pesquisar tal assunto, a fim de se aprofundar um pouco mais sobre os vários aspectos de como a oralidade na leitura de textos imagéticos na sala de aula contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral, buscando por novas formas de se fazer com que o aluno seja participativo e adquira de forma prazerosa o domínio da linguagem oral em sala de aula.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo preocupa-se com as discussões concernentes ao embasamento teórico da pesquisa, partindo de pressupostos argumentativos. São aqui propostos os pontos relevantes da realidade que abrange a leitura, a escrita, suas aquisições e suas práticas, bem como a utilização de imagens no desenvolvimento do processo de compreensão e assimilação pelos alunos do 1º. ano do Ensino Fundamental no município de Presidente Kennedy/ES.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Importante se faz destacar aqui as pesquisas já realizadas no contexto do tema em destaque. Sendo assim, apresenta-se trabalhos pertinentes à composição, produção, compreensão e leitura de diversas imagens, tais como Almeida Júnior (2009; 2010), Barbosa (2011), Bissoli (2014), Rossi (2013), Ramalho e Oliveira (2008). Estes autores enfatizam a universalidade concretizada da imagem, isto é, o fato de que o ser humano produz imagens em todos os espaços onde vive, desde que o mundo existe. Acredita-se, assim, que o homem tem a capacidade de interpretar uma figura em todo e qualquer contexto cultural e histórico. No entanto, compreende-se também que a leitura de imagens não implica necessariamente o aprendizado e/ou aperfeiçoamento.

As pesquisas aqui observadas nos autores selecionados acerca da interpretação de imagens revelam, além da importância da aprendizagem de tal tipo de leitura, a necessidade de fomento de uma proposta para a escola atual da inclusão da exploração de imagens no ensino desde muito cedo até os períodos mais avançados de educação básica. Tendo em vista que os primeiros anos do Ensino Fundamental têm forte influência sobre a formação do aluno, bem como a escola exercer importante papel na construção do histórico pessoal do aluno, tais interações farão muitas diferenças no desenvolvimento do potencial crítico das crianças. Logo, é muito necessária a inserção das experiências com leituras de imagens na vivência de sala de aula.

Veja-se o que diz, especificamente, os autores selecionados para a presente revisão de literatura. Começando por Almeida Júnior (2009; 2010), em suas pesquisas, destaca em seus estudos teóricos a preparação em que o sujeito deste

milênio precisa de leitura e interpretação das imagens iconológicas, Almeida Junior (2009) enleva a necessidade da definição de alguns fundamentos para o uso de metodologia de leitura de figuras e imagens no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a escola, mesmo que pertencendo ao mundo da cultura de massa e os efeitos deste, mostra-se com dificuldades na superação do chamado ensino tradicional e verbalista.

Com o foco de pesquisa na aprendizagem da leitura de imagens, Almeida Júnior (2019, p. 85) enfatiza que “[...] se a imagem é um elemento de tematização da realidade humana e social, que reflete essa realidade e que por sua vez deve ser corretamente lida, é preciso aprender a ler as imagens como se aprende a ler o signo verbal”. O estudo também remete à reflexão acerca da utilização das imagens no ensino, o que exige do professor um preparo e formação que o capacite à construção desses saberes.

Barbosa (2011), por sua vez, evidencia a importância da democratização do acesso das comunidades mais simples ao acerca da arte erudita. No seu olhar, a autora entende que não deve ser ofertada às massas populares somente a familiarização com a arte mais popular – aquela representada, por exemplo, pelo carnaval e outras manifestações –, rejeitando, assim, o processo de hierarquização dos grupos sociais nessa área da vivência humana.

Para Barbosa (2011, p. 34-35), uma das formas de atingir esse objetivo está na valorização do papel assumido pela escola em sua função de espaço para as possibilidades de apresentação da arte erudita para as crianças de condições sociais menos favorecidas. Apresenta-se a elas a magia do fazer, da leitura deste fazer e dos fazeres dos artistas populares e eruditos, e da contextualização desses artistas no seu tempo e no seu espaço.

A pesquisa feita por Bissoli (2014), que objetivou a verificação de como os pré-escolares fazem a leitura de textos compostos apenas por imagens, isto é, como eles interpretam e constroem as narrativas a partir das imagens e figuras. A autora realizou a análise da leitura individual feita por 19 crianças de 5,5 a 6 anos, a partir de dois livros contendo imagens. As ações se dividiram em dois distintos momentos: o primeiro de leitura silenciosa; o segundo de leitura oral. Os resultados obtidos revelaram que a verbalização das mensagens visuais exigia das crianças a pronta realização do trabalho de reestruturação do pensamento e da construção mais elaborada das ideias.

As diversas operações mentais foram exigidas das crianças no momento da leitura, tais como as relações de causa-efeito, associações, e as antecipações. “Mesmo as crianças que não conheciam esse tipo de livro, colocaram em jogo todo o seu conhecimento anterior para atribuir sentido ao texto visual que tinham em mãos” (BISSOLI, 2014, p. 45). Os resultados postos destacam que o trabalho pedagógico deve propor-se a oportunizar ao professor situações que visem o contato com as imagens e as devidas discussões com seus alunos. E isto deve ocorrer com maior frequência, pois tal trabalho pode possibilitar o desenvolvimento estético, bem como o cognitivo das crianças.

Nos estudos realizados por Rossi (2013), que envolveram pessoas cujas idades variaram entre 6 a 18 anos que foram divididas em dois grupos, a partir do grau de familiaridade com as manifestações artísticas, obteve-se como resultado a evidência de uma discrepância na estruturação do pensamento estético nos alunos com menor hábito de no contato com objetos e espaços artísticos, quando feita a comparação com aqueles que, independentemente de se encontrarem no mesmo nível de desenvolvimento cognitivo, mostraram maior facilidade no acesso às experiências amostras artísticas. As dificuldades apresentadas por estes foram menores na interpretação, na descrição, na análise e no julgamento das imagens postas para leitura.

Considerando os resultados da pesquisa, foi apontada pela autora, carência de um trabalho efetivo de sensibilização e familiarização no seio da escola, com o principal fim de dar oportunidade aos alunos que não têm, no espaço fora da escola, o contato mais significativo com imagens e com produções artísticas advindas da cultura onde vivem.

Ramalho e Oliveira (2008), que, em seus estudos, deram enfoque à importância da alfabetização de leitores nos vários sistemas de linguagem existentes, com destaque para a necessidade dos saberes prévio por parte do professor acerca das noções que constituem as linguagens do mundo: as cores, as formas, as notas musicais, os gestos, etc.

Ramalho e Oliveira (2008) enfatizam a ausência de preocupação com o aprendizado da leitura dos códigos visuais, que deveria acontecer da mesma forma que ocorre o aprendizado da língua escrita, com a prática de uma metodologia educacional sistematizada. Assim, se o docente desconhece a utilização de imagens de modo adequado, não possui condições para atuar na formação de leitores críticos

de imagens. Tal tarefa, por sua complexidade, exige do docente que seja ele próprio um leitor de textos visuais, pois,

Se o sistema é visual, para que o texto possa ser lido, será necessário que o leitor obtenha conhecimento prévio a respeito da organização do sistema de linguagem visual. A consciência de que cada linguagem estrutura-se por meio de sistemas específicos poderá levá-lo a envolver-se no processo de compreensão desse texto mediante uma interação significativa que ambos venham a estabelecer. Um educador em artes visuais precisa aprender a reconhecer os elementos que estruturam as linguagens plásticas, ao mesmo tempo em que deve constituir-se ele mesmo um leitor de imagens visuais (RAMALHO; OLIVEIRA, 2008, p. 31).

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM

A linguagem é considerada como a primeira forma da criança se socializar e, na maior parte das vezes, isto ocorre de modo explícito, a partir de expressões verbais, com as suas orientações e instruções de comportamento, contação de histórias e demais formas de expressão. Isto acontece sempre norteado pelos valores culturais que permeiam cada sociedade.

Santana (2010, p. 80) destaca que:

A socialização através da linguagem pode ocorrer também de forma implícita, por meio de participação em interações verbais. Desta forma, através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras adquirindo os conhecimentos de sua cultura.

À proporção que se desenvolve, a criança tem o sistema sensorial mais refinado, incluindo a visão e a audição, permitindo-lhe alcançar níveis mais refinados, com resultados linguísticos e cognitivos mais elevados, enquanto o seu espaço de socialização se amplia. E este universo se amplia mais ainda quando adentra o ambiente escolar e passa a interagir com os colegas. Deste modo, o domínio da linguagem passa por um longo processo, com variados e complexos momentos, embora seja um processo natural para os seres humanos (VYGOTSKY apud FILATRO, 2008).

Prosseguindo, Vygotsky (apud FILATRO, 2008), ainda destaca que a linguagem se desenvolve a partir de duas distintas fases, que são:

- A fase pré-linguística: quando há a vocalização apenas de fonemas sem palavras, que vai até o período dos 11 a 12 meses de vida criança;
- A fase linguística: momento em que a criança inicia as primeiras palavras já compreensíveis;

Este processo de desenvolvimento é contínuo e acontece de modo ordenado e sequencial com considerável sobreposição entre as diversas momentos do crescimento da criança.

Ainda dentro do contexto de domínio da comunicação pela criança, em seus primeiros anos de vida, Berberian (2009, p. 78) enfatiza que:

O processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social, o fonológico envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras, o semântico, respeitando as palavras e seu significado e o gramatical, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis.

Dessa forma, o sistema fonológico e o sistema gramatical determinam a forma da linguagem. Crianças que estão em aprendizagem da língua materna se utilizam de métodos variados para sua expressão, que vão desde a linguagem não-verbal (expressões faciais, sinais) até as indagações, questionamentos e argumentações. Tal competência comunicativa mostra o quanto é importante conhecer a linguagem a partir do conhecimento das próprias regras sociais da comunicação, tanto quanto é importante o conhecimento da semântica e da gramática.

Assim, vale frisar que:

As dificuldades de aprendizagem, podem ocorrer quando existem, retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensoriais, ou motores, ou, ainda ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada. Desta forma fica claro que o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas – a linguagem – não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também de gestos e imagens (SANTOS, 2012, p, 49).

Entretanto, a produção da linguagem falada, sendo fruto da escuta, participa da vida dos seres humanos, do seu processo evolutivo, também se transformando.

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual a criança aprende sua língua materna, à medida que o indivíduo é estimulado pelo meio e também de acordo com suas capacidades neurológicas, emocionais e físicas. O desenvolvimento normal da linguagem oral garante um bom desempenho na aquisição da linguagem escrita (SILVEIRA, 1992, p. 30).

Diante de tal fato, é preciso dizer que o homem sempre procura, desde o início de sua existência e comunicação, novos modos de interagir, tanto escrevendo como falando (escrita e oralidade). É claro que ler e escrever dependem, e muito, do domínio de dados formais, uma vez que é complexo.

Por meio da linguagem, o homem se reconhece como humano, pois, ao comunicar-se com outros homens e trocar experiências, certifica-se de seu conhecimento do mundo e dos outros com quem interage. Isso lhe permite compreender melhor a realidade em que está inserido e o seu papel como sujeito social (BERBERIAN, 2009, p. 14).

Assim, a aprendizagem da oralidade envolve não somente a fala, mas ainda o entendimento, isto é, significa ouvir e entender, mostrando que a utilização mais formalizada da fala precisa ser trabalhada nas situações reais, em contextos que deem sentido ao discurso. Para dominar qualquer sistema linguístico é preciso, primordialmente, saber utilizar as diversas ferramentas que constituem a gramática da língua original.

Corroborado por Possenti (2003), as pessoas desenvolvem a fala antes de ler e escrever, e ainda que tenham existido as comunidades ágrafas, nas sociedades letradas dos dias atuais, saber ler e escrever destaca-se como fundamental competência, principalmente para que haja um bom convívio geral. E se vai mais adiante, destacando que a capacidade de ser crítico ao exercer a competência da leitura e da escrita se torna cada vez mais indispensável ao indivíduo, proporcionando autonomia e oportunidade de realização de vários projetos de vida. A exemplo de tal fato é que pessoas que escrevem, leem e conseguem compreender e interpretar aquilo que leem, acabam por adquirir prestígio e ocupar melhores espaços na sociedade

Também adquirem melhor formação acadêmica, pois:

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação (POSSENTI, 2003, p. 19).

À luz deste registro, a leitura liga as pessoas que dominam tal competência a um amplo universo de possibilidades. No entanto, trazem também como consequência, a exclusão dos tantos que não dominam, com a geração, em sequência, da discriminação cultural, econômica e social. Aqui se deve, por conseguinte, dizer com responsabilidade, que a escrita e a leitura não são ações com um fim si mesmas, mas a capacidade que conduz ao alcance de determinados objetivos.

Dessa forma, dominar a leitura significa interagir com outras atividades, as quais dependem dela, levando o sujeito ao sentido de existência, com a valoração de

seus posicionamentos e opiniões. Isso acontece porque aqueles que dominam a competência da leitura são capazes de compreender o que leem, pois a compreensão estabelece as relações semânticas, construindo sentidos.

Sobre este ponto, Solé (1998, p 22) reitera:

O leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha significado. O significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios que o aborda e seus objetivos.

É atribuído ao leitor a relevante função de elaborador de significados para o texto lido. Ele atribui, partindo de pistas deixadas pelo autor, sentido à leitura. Por isso se defende a tese de que a leitura de um determinado texto jamais tem o mesmo sentido após a sua releitura, já que estará na dependência daquele que a faz, em momentos diferentes da sua existência.

A diferença entre a linguagem escrita e a linguagem oral reside, primordialmente, no fato daquela ser sistematicamente mais organizada e mais complexa. E para maior compreensão entre uma e outra, basta saber como elas são produzidas: a oralidade é a partir da construção dos sons; a escrita é a partir da materialização dos símbolos gráficos. Certamente, então, a distinção entre a oralidade e a escrita se encontra, fundamentalmente, em contextos sociais, onde são mediadas as relações, que sejam de tradição que destaca uma mais que a outra.

Nesta caracterização, Soares (2008, p. 59) desenvolve o seguinte pensamento:

A aquisição da oralidade por parte da criança ocorre essencialmente em função do tipo da relação que esta estabelece com os adultos que cuidam dela. Mostrando que o sucesso da aquisição da fala por parte da criança vai depender totalmente do papel dos adultos que cuidam dela, em relação à criança e sua própria linguagem, mostrando que a partir do momento em que o mesmo a coloca dentro do diálogo, da manifestação que ela pode fazer de um determinado diálogo.

A criança se transforma, desta maneira, em sujeito da própria linguagem, com a aquisição de autonomia em sua fala, caracterizando o sucesso de sua oralidade, fundamentalmente, como resultado do modo como os adultos se posicionam na relação com ela.

O que os adultos dizem tem certamente os seus resultados e consequências sobre a vida das crianças. Silva (2007, p. 38) é quem alerta para tal ponto, quando afirma que:

A fala dos adultos gera efeitos e sentidos sobre as crianças, tanto no que se refere a aspectos de seu desenvolvimento global, quanto da aquisição de sua linguagem, mostrando que a fala da criança tem que ser interpretada e compreendida, ressaltando que entre o adulto e a criança tem que haver diálogo.

Colocando de forma diferente, podemos afirmar que os sujeitos estabelecem sua linguagem a partir da relação dialógica e se torna fundamental, para que ela aconteça, que tanto adultos como crianças tenham seus papéis alternados. Assim, ficará evidente que esta relação dialógica se mostra elemento determinante na construção da entre os dois sujeitos (crianças e adultos), bem como o elemento determinante na composição da própria linguagem. Assim, há de se convir que tal relação dialógica se torna algo essencial para o avanço da criança e no desenvolvimento da sua linguagem.

Ressaltando que a criança é alguém que tem algo a dizer, e o adulto deve emitir, e elabora interpretações a partir daquilo que ela diz dessa forma o mesmo poderá estabelecer com a criança uma relação dialógica o que é determinante para que ela possa avançar no seu desenvolvimento da oralidade.

Uma conclusão que se chega, com as discussões até aqui postas, é que a educação tradicional, trabalhando apenas com o padrão culto da língua escrita, desconsiderando a língua falada, limita seu alcance nas descobertas da vida social da criança em seu amplo espaço de comunicação. Levando em conta que o expressar-se não tem relação apenas como falar.

Se a família, como primeiro grupo social de interação da criança, deve levar isso a sério, a escola também deve dar continuidade ao processo. E sobre este ponto, Carvalho (2006, p. 60), destaca que:

[...] a escola deve levar o aluno a atingir o desenvolvimento linguístico, entretanto os professores fragmentam o ensino quando o dividem em leitura e compreensão, estudo da evolução da leitura, gramática e produção textual. a segmentação não permite aos alunos refletirem e operarem sobre a linguagem, o que eles fazem inicialmente é ler/interpretar, e posteriormente, analisar a língua, ou seja, fazem atividades realizadas em momentos distintos que não os levam ao desenvolvimento da capacidade linguística.

O aproveitamento das diferentes competências de comunicação que os alunos apresentam em sala de aula se faz necessário e trabalhar a oralidade contribui para a formação cultural e a preservação das tradições não escritas.

2.3 AS DIFERENTES TEORIAS ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Todo ser humano vem ao mundo com necessidade intrínsecas, as quais serão supridas ao longo do seu desenvolvimento. Assim, a linguagem é adquirida a partir de mecanismos e condições adequadas. A seguir são discutidas as principais teorias que tratam do assunto.

- Teoria Behaviorista (Comportamental)

Esta teoria está ligada mais apropriadamente ao pesquisador Burrhus Frederic Skinner, que se destacou com testes em laboratório e formalização de alguns conceitos que envolvem o comportamento. Seus estudos destacaram que as pessoas respondem ao meio em que vivem, mas elas também operam neste mesmo meio, levando a determinadas consequências (BERBERIAN, 2009).

O condicionamento operante - método desenvolvido por per este pesquisador, incluía comportamentos que não estariam diretamente associados a estímulos específicos. Assim,

A fim de testar suas ideias, Skinner conduziu vários estudos envolvendo ratos de laboratório e pombos em um tipo de gaiola que passou a ser conhecida como Gaiola de Skinner ou Câmara Operante. O objetivo de Skinner era condicionar a frequência com que o animal tocava a alavanca, a partir de sua necessidade de receber comida (BERBERIAN, 2009, p.15).

Quando postos em jaulas, animais eram submetidos a fome, para que o alimento fosse visto como um reforço positivo ao comportamento que deveria ser aprendido, baseado na ideia de que, com a privação de algo, o organismo passa a reagir de modo instintivo e tenta procurar várias formas de solucionar seu problema/ou dificuldade.

Skinner (apud BERBERIAN, 2009) escreve que, no período em que o pássaro permaneceu preso, movimentando-se pela jaula, em determinado momento, sem quaisquer intenções, acabou tocando o seu bico em uma alavanca, que era dispositivo responsável pelo acionamento do mecanismo fornecedor de comida, o qual, por sua vez, proporciona as condições para o acesso a alimentação do animal. Depois de várias tentativas, o pássaro finalmente “aprende” a associar seu toque com o bico na alavanca com a oferta imediata de comida e passa a tocar o dispositivo sempre que tem fome.

Operante livre foram os termos que o autor usou para o primeiro toque do pombo no dispositivo, uma vez que o comportamento apresentado pelo pássaro era aleatório. Com a repetição da ação para adquirir o alimento, o bichinho aprende a usar o dispositivo. O pesquisador chama, então, de operante condicionado ao comportamento que passou a ser um hábito. E com o nome de reforçador, passou a ser o estímulo usado – no caso, o alimento – para gerar o comportamento almejado no caso aqui descrito.

Trazendo para mais próximo do contexto da educação da criança, o autor fez suas deduções:

A concepção de aprendizagem defendida por Skinner pode ser facilmente utilizada para descrever situações comuns em nosso dia-a-dia. Se um pai ou mãe ou até mesmo um professor cede aos apelos de uma criança que chora e teima a fim de conseguir algo que o adulto havia anteriormente proibido, a criança aprenderá que o seu comportamento insistente lhe garante sucesso e conseqüentemente passará a sempre agir dessa forma quando quiser algo (SOARES, 2008, p. 50).

Deste modo, contrariamente, não sendo recompensada por seus gritos e suas provocações, a criança tenderá a desistir desse comportamento e tentará outra forma de reação, para que atinja o seu objetivo. Afirma-se isso defendendo-se a posição de que os seres humanos temem a capacidade de ajustarem-se ao ambiente em que vivem.

Os teóricos behavioristas rejeitam veementemente a existência de qualquer tipo de conhecimento inato, pois, segundo eles, o conhecimento e o resultado do processo de aprendizagem é produto da interação do organismo com o seu meio através de condicionamento estímulo-resposta-reforço, nessa ideia de aprendizagem, o autor afirma que (SKINNER, 1964, p. 33),

Em todo comportamento verbal sob controle de estímulo há três acontecimentos importantes: estímulo resposta e reforço. Eles são interdependentes, sendo que o estímulo, agindo da emissão da resposta, cria ocasião para que a resposta provavelmente seja reforçada. Sob tal dependência, mediante um processo de discriminação operante, o estímulo torna-se a ocasião em que a resposta, provavelmente, será emitida.

A partir dessa perspectiva, nascendo a criança, esta é considerada como uma tábula rasa. Significa dizer que a mesma não tem qualquer tipo de conhecimento prévio e aprende uma língua apenas se for ensinada por alguém que já saiba falar a mesma. É, portanto, o ambiente o responsável único pelo provimento dos conhecimentos que a criança virá a assimilar e isso a partir daquilo que determinam

as leis do condicionamento.

Deste modo, destaca Skinner (1964, p. 23),

A partir da imitação de sons e padrões, da prática assistida com reforços negativos e positivos e da formação de hábitos, ela constituirá a sua língua. Desta forma não é possível prever qual a primeira palavra que uma criança irá produzir, uma vez que ela é submetida a vários estímulos do meio e, apenas em um determinado momento, sua primeira resposta a esse meio surgirá. “A criança é uma “tábula rasa”, ela só desenvolve seu conhecimento linguístico por meio de estímulo-resposta, imitação e reforço, linguagem também pode ter: um reforço positivo, e, nesse caso, o comportamento/ linguagem se manteria.

O behaviorismo se dedica, então, ao exame das respostas, destacando que, mesmo comportamentos mais complexos, como a linguagem, é possível de ser condicionado e, partindo dessa perspectiva, esta depende das experiências para ser adquirida. Nesse sentido, o comportamento apresentado pelos alunos nas escolas pode ser moldado pela apresentação, em sequência de materiais e pela oferta de recompensa ou reforço apropriada (SOARES, 2008).

É importante destacar, portanto, que, na proposta da teoria behaviorista (SILVA, 2007, p. 24),

[...] a linguagem se dá, mediante a experiência que o sujeito desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas em seu convívio, e é determinada tanto pela qualidade e quantidade da língua que criança ouve, como pela firmeza do reforço oferecido pelas outras pessoas em seu meio, fator esses que determina o grau de sucesso que ela pode vir a atingir no seu desenvolvimento tanto no seu dia-a-dia como no contexto escolar em que a mesma está inserida.

De acordo com Skinner (1964, p. 56), “[...] a criança associa as diferentes formas sistematicamente àquelas com as quais já está habituada por ter aprendido as sequências da língua [...]”, pois ela cria formas de sentenças e palavras jamais vistas ou ouvidas anteriormente. Deste modo, o que o autor afirma é que o método de aquisição da língua passa, então, a ser entendido como consequência da associação entre os estímulos (as palavras ouvidas) e as respostas (a criança vocalizando espontaneamente).

Assim, qualquer que seja o comportamento, este, continua sendo acrescido se recebe o reforço necessário. Para eliminar as respostas, basta não reforçar. Em palavras diferentes, a criança relaciona as sequências que já aprendeu com as novas palavras ou os novos grupos de palavras, até que sejam capazes de elaborar as frases completamente.

A aquisição de todo conhecimento é fruto do meio, isto é, os seres humanos

nada têm de inato, pois tudo eles aprendem ao longo de sua existência e a criança só adquire o saber através da interação com o ambiente que vivencia, relacionando pessoas e objetos no espaço.

- Teoria Inatista

Esta teoria desenvolve a tese de que, desde o momento em que a criança coloca como modelo as estruturas do idioma materno, não é propriamente porque imitou, e sim por que assimilou outros modelos novos de regras para uso da sua própria língua.

Assim, para Chomsky (1981, p. 132), o inatismo é a teoria segundo a qual existem certos princípios, noções e ideias, ou práticas, que se caracterizam como inatas e a criança, quando nasce, já as traz consigo. Deste modo, a defesa é de que os seres humanos já nascem biologicamente programados para falar, à semelhança, por exemplo, dos pássaros, que nascem para voar. Os indivíduos só desenvolverão, de modo natural, a sua linguagem.

O ser humano é equipado com uma gramática que lhe é inata, isto é, já nasce na pessoa, e vai adquirindo forma de acordo com seu desenvolvimento. A criança toma sua referência para desenvolver a fala àquilo que ouve dos adultos, os quais servem de base para o incremento das regras próprias.

Chomsky (1981, p. 177) afirma que,

[...] dizemos que a criança “aprende uma língua”, e não que a linguagem se desenvolve ou amadurece. Mas nunca dizemos que o embrião ou a criança aprende a ter braços em vez de asas, ou um aparelho visual determinado, ou órgãos sexuais maduros este último exemplo representa um desenvolvimento que consideramos ser geneticamente determinado no que tem de essencial, muito embora só ocorra bem depois do nascimento.

O espaço, então, contribui para que a criança se expresse por uma língua, adquirida no ambiente familiar e a partir das diversas experiências que se proporcione como: assistir tv, ouvir músicas, conversa de/com os adultos etc., a sua fala vai sendo gradativamente construída.

Fica claro que a língua materna é algo adquirido naturalmente:

Parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta pela criança daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata uma gramática gerativa de sua língua da qual muitos dos conceitos e princípios se encontram apenas remotamente relacionados com

a experiência através de cadeias longas e complexas de etapas inconscientes e de natureza quase dedutiva (CHOMSKY, 1981, p. 141).

Em uma análise feita por Santana (2010) das ideias defendidas por Chomsky, observa-se que é digna de admiração a rapidez com a qual a criança assimila a língua materna, demonstrando que os acontecimentos que ocorrem depois do nascimento não são essenciais para o seu desenvolvimento, pois a criança já nasce com a devida capacidade biológica direcionada ao desenvolvimento da linguagem da sua, e tem uma espécie de “gramática universal”, ainda que esta seja utilizada por ela de modo muito natural.

A teoria de Chomsky deve ser compreendida, então, da seguinte maneira (SANTANA, 2010, p. 23):

O cérebro contém um dispositivo que faz com que a criança seja capaz de construir um número infinito de frases em sua língua materna, a partir de uma lista finita de palavras através de sua intuição e capacidade nata, esse dispositivo permite que a criança desenvolva uma gramática da linguagem que dependerá da língua a que ela está exposta, que é ativado e se processa a partir de sentenças, que tem como resultado a língua a qual a criança está exposta. A criança em contato com a língua seleciona as regras que funcionam para aquela língua, desativando as que não funcionam.

A partir desta compreensão, a ideia é que a criança possui uma “gramática universal”, inata, na qual estão todas as regras de quaisquer línguas. E as falas das crianças não são as imitações das falas dos adultos, pois no discurso das crianças estão presentes regras diferentes de gramática, que não são iguais àquelas presentes na usada pelos adultos.

E Silva (2019, p. 26) reforça:

Cabe ressaltar que Chomsky, considera que a criança, mesmo antes de adquirir as primeiras palavras, já tem internalizado tais princípios universais, o que lhe confere competência inata para estabelecer a gramática de sua língua materna. Assim, do ponto de vista de Chomsky, a criança é dotada de uma gramática inata, ou seja, essa teoria postula que o ser humano vem programado biologicamente para o desenvolvimento de determinados conhecimentos, a qual procura dar conta da competência e criatividade do falante.

Então a linguagem provém de herança genética, ou seja, é inata, vindo junto com o nascimento da criança – uma gramática mental que desenvolve-se com passar do tempo. Caso a criança fosse basear a sua aprendizagem na imitação dos outros, como defende o behaviorismo, ela jamais teria a gramática perfeita. Chomsky (1981) diz que crianças são normalmente expostas às falas cotidianas precárias,

fragmentadas, repletas de frases incompletas ou inacabadas. No entanto, estas crianças são capazes mesmo de dominar um universo complexo, com regras ou princípios básicos, os quais constituem a sua gramática que está internalizada, como falantes que são.

- Teoria Cognitivista

Esta é a teoria defendida por Jean Piaget (1967), conhecida como a teoria da Aquisição da Linguagem, que se centra na capacidade cognitiva e procura entender o natural desenvolvimento da criança. Ela tem como base a inteligência, a qual inicia a sua organização através da ação lógica sobre o comportamento biológico da criança.

Santana (2010) diz que a teoria cognitivista de Piaget defende que a criança elabora a sua compreensão acerca do modo como funciona o mundo físico partindo das suas ações. Destaca que “[...] só o funcionamento da inteligência é hereditário, sendo dependente de ações sucessivas, exercidas sobre os objetos” (SILVA, 2019, p. 27). Partindo desse pressuposto, o funcionamento do intelecto que resulta da hereditariedade, proporciona a relação interativa do organismo com o seu universo físico.

Desse modo, a parte cognitiva tem a capacidade de realizar a construção mental das estruturas, que, por sua vez, são capazes de ser aplicadas às estruturas do meio, demonstrando que a criança segue símbolos mais amplos em substituição aos seus significados pessoais.

[...] é centrada a capacidade cognitiva em busca de entender ao desenvolvimento natural da criança. Tendo como base e finalidade a inteligência, que começa a se organizar por meio de uma ação lógica sobre o biológico, isto é, os atos biológicos são adaptados ao meio físico [...] (PIAGET, 1967, p. 67).

É do entendimento de Piaget que a criança aprende partindo do individual para o coletivo, sendo por isso importantíssimo a relação próxima do sujeito com o seu ambiente, pois tanto a aquisição quanto o desenvolvimento da linguagem se mostram como processos provenientes do desenvolvimento do raciocínio da criança. Assim, o sujeito elabora suas estruturas baseado na sua experiência ante o mundo físico, quando interage.

Fiorin (2008) diz que a teoria de Piaget se baseia na interação ocorrida entre o

sujeito e o mundo que o cerca. Desse modo, o sujeito cognoscente edifica a realidade através da ação, em sua relação com o objeto, no espaço, no tempo e na causalidade. Acriança, então, forma a sua inteligência por meio de sua interatividade com o mundo, com os esquemas mentais, os quais possibilitam a apreensão da realidade.

Para ele, a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. [...] esta interação é entre a criança e o mundo. (...) Seu interesse não é pela linguagem per se, mas a linguagem como porta para a cognição (FIORIN, 2008, p. 222).

Piaget (1967) defende, desta forma, que o conhecimento se inicia com a assimilação pelas estruturas e pelos esquemas possuídos pelo sujeito das informações que recebe do seu exterior.

Estas estruturas e esquemas são os meios que permitem o conhecimento. Tal assimilação implica, por sua vez, a sua modificação. A acomodação consiste na modificação destas estruturas ou esquemas para se adaptarem aos novos dados que emergem da interação com o meio. A inteligência surge então como o conjunto das estruturas e esquemas de que um organismo dispõe em cada fase do seu desenvolvimento. Assim, a adaptação do organismo constitui a expressão do equilíbrio atingido entre a assimilação e a adaptação (SILVA, 2019, p. 28).

O cognitivo rem o seu funcionamento a partir de uma adaptação, a qual organiza-se para estruturar o mundo do indivíduo, fazendo a relação entre os pensamentos e os objetos, capacitando cognitivamente este indivíduo para a construção mental das estruturas com disposição para aplicação nas estruturas do meio.

- Teoria Interacionista

Esta teoria é defendida por Vygotsky, afirmando que a formação do indivíduo se dá a partir de uma relação dialética entre sujeito e sociedade que o recebe. Ou seja, o ser humano modifica o ambiente ao seu redor e o ambiente, por sua vez, modifica o ser humano em seu modo de ser. O que importa é esta interação estabelecida por cada pessoa com um determinado ambiente. O que Vygotsky chama de experiência pessoalmente significativa.

A visão sociointeracionista envolve a aprendizagem a partir de um fenômeno que acontece na interação como outro, demonstrando que a aprendizagem acontece através da internalização, originário em processo anterior, de relação de troca, possuindo dimensão coletiva.

O argumento presente na teoria interacionista proposta por Vygotsky (SILVA, 2019, p. 29) é o seguinte:

[...] parte do princípio de que o pensamento e linguagem não podem ser pensados separadamente, uma vez que atribui a atividade simbólica, viabilizada pela fala, uma função organizadora do pensamento, que defende que as ideias não ocorrem por si mesmas, que surgem das atividades e que a atividade se define como tal na interrelação entre indivíduos e meio. O autor considera que o indivíduo é um ser social e que constrói sua individualidade a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos, mediadas pela cultura, ou seja, a relação de ser como meio humano é condição para que ele se constitua como indivíduo.

Vale destacar que este meio é a fonte do conhecimento, que se estrutura a partir de atividades dos indivíduos interagindo com elementos que compõem este meio. Tal meio natural e social é estruturado pela cultura.

Na compreensão de Fiorin (2008), a teoria interacionista defende toda aprendizagem da pessoa no contexto escolar possui elementos preestabelecidos, sabendo que a esta aprendizagem já se inicia bem antes das formulações escolares. Equivale afirmar que, de certo modo, a pessoa já desenvolveu certas aprendizagens em seu cotidiano, tornando-se necessário, assim, a articulação interna dos conhecimentos cotidianos e prévios com o conhecimento ofertado formalmente.

Ao discutir a relação existente entre aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky diz que, em seu cotidiano, o indivíduo aprende muito e tal aprendizagem ocorre em níveis diferentes, com ampla determinação da cultura e das formas de produção. O conhecimento formal, que é pela sociedade sistematizado, exige ações específicas do ser humano. Sem organização interna e coerência entre os dados que fazem parte do processo, este indivíduo não consegue adquirir e nem utilizar o conhecimento, pois ele é construído socialmente, ou seja, a possibilidade única de construir o conhecimento é a que passa pelo caminho da interpessoalidade para a intrapessoalidade.

Vê-se que, para a teoria interacionista a figura do professor deve ser assumida como de orientadora do processo de ensino-aprendizagem, indicando que os erros cometidos pelo aluno deixam de se caracterizarem como motivo para punição ou censura. “[...] as atividades em sala de aula devem ser colaborativas, possibilitando que o aluno vá além do que seria capaz sozinho” (FILATRO, 2008, p. 33).

E vale dizer que, para o interacionismo, a observação e exame dos erros dos alunos se constitui em um ponto novo de partida, a fim de que o professor saiba até

onde o aluno aprendeu e assimilou os conteúdos ensinados. E o seu planejamento das suas aulas sequencias será pautado nas abordagens proporcionadas pelas pontuações encontradas nos erros. E o mesmo conteúdo deverá ser explorado de modo diferente e com mais criatividade, destacando a proposição de interatividade. Assim, “[...] a aprendizagem na sala de aula é resultado de atividades que proporcionam interação, cooperação social, atividades instrumentais e práticas” (BERBERIAN, 2009, p. 23).

Fica sempre muito claro que, para Vygotsky, o professor será o mediador da aprendizagem, com a utilização de estratégias que conduzam o aluno a se tornar independente, proporcionando espaço de interação e diálogo.

Essa teoria permite trabalhar com grupos e técnicas para motivar, facilitar a aprendizagem e diminuir a sensação de solidão do aluno. Além de permitir que ele construa seu conhecimento em grupo com participação ativa e a cooperação de todos os envolvidos, oferece oportunidades para discussão, reflexão e o encorajamento para arriscar e descobrir em grupo. Possibilita criar ambientes de participação, colaboração e desafiador. Considera o aluno inserido em uma sociedade e facilita a interação dos indivíduos. Essa teoria mostra-se adequada para atividades colaborativas e troca de ideias (SILVA, 2019, p. 31).

Vygotsky (SILVA, 2019), nos seus estudos, alimenta a proposição de que existe a contínua interação das condições sociais e a estrutura biológica do comportamento do ser humano. Iniciando pelas estruturas orgânicas elementares, que são basicamente determinadas pela maturação, se formam funções mentais mais novas e complexas, dependendo das experiências sociais às quais as crianças se encontram expostas. Os pressupostos do interacionismo se estruturam basicamente na ideia de que o ser humano, enquanto ser composto de corpo e mente, biológico e social, envolvido em um processo histórico e cultural.

O ambiente social é primordialmente valorizado por Vygotsky (SILVA, 2019), enfatizando que o desenvolvimento do indivíduo irá variar, sempre de acordo com o ambiente vivido pelo mesmo. O ser humano, por conseguinte, tem desenvolvimentos diferentes, não sendo único e universal.

Segundo a teoria vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. Além disso, todo aprendizado é necessariamente mediado e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante para quem cabe à escola facilitar um processo que só pode ser conduzido pelo próprio aluno. O primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ser a participação de um adulto. Ao internalizar um procedimento, a criança “se

apropriar” dele, tornando-o voluntário e independente (SILVA, 2019, p. 31-32).

Os pressupostos presentes na teoria de Vygotsky (SILVA, 2019) são, portanto, que o desenvolvimento e aprendizagem se caracterizam como processos mutuamente influenciados. Quanto maior o volume de aprendizagem, maior será o nível de desenvolvimento. E a linguagem, dentro desse contexto de desenvolvimento cognitivo da pessoa, tem um papel central, pois com a aquisição da linguagem são modificados os processos mentais.

A criança tem dependência da interação com outros. Isso é importante para o seu desenvolvimento e para o aprimoramento dos seus saberes prévios. Ela certamente terá maior êxito nas suas tarefas sendo auxiliado por outros, tanto em ambiente escolar como também em ambiente familiar. Assim, a aprendizagem proporcionada pela sala de aula se torna resultado das atividades que possibilitam a interação do aluno com outro aluno e com o professor, com cooperação social, bem como com atividades práticas. “É nesse contexto que se insere a especificidade do saber pedagógico, do modo como o professor aprende da natureza da atividade educativa nos seus vínculos com os conhecimentos das demais áreas” (GUIMARÃES, 2004, p. 46).

2.4 A IMAGEM E O SEU VALOR EXPRESSIVO

Quando a criança se expressa oralmente, ela amplia a sua comunicação, pratica o pensar, socializa, decodifica o mundo, expõe seu pensamento, debate opiniões, divulga sentimentos e emoções, entre outras possibilidades a qual enriquece o seu linguajar, pois a oralidade tem significativa importância para o convívio na sociedade. Assim, a imagem visual é um instrumento que muito contribui para o desenvolvimento da linguagem oral.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 125), “[...] a construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos que são estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se”.

A criança emprega a linguagem oral muito cedo para transmitir os seus desejos, suas vontades, seus sentimentos, explorando tudo o que está em sua volta, principalmente quando começa a entender a fala das pessoas que convivem com ela.

As situações do dia a dia em que os adultos falam com as crianças ou elas simplesmente escutam uma conversa, ela acaba se apropriando do mundo discursivo de muitos contextos diversificados.

Nesta perspectiva, o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p. 49) atesta que “[...] a capacidade de uso da língua oral que as crianças possuem ao ingressar na escola foi adquirida no espaço privado”. Neste sentido, o desenvolvimento da fala se dá na prática viva da língua, no diálogo, no ouvir o interlocutor. Carece deste modo, dar total atenção a fala da criança, para que esta faça uso da sua linguagem cada vez mais na sua conversação.

Pesquisadores e autores acreditam que “[...] a educação para a compreensão da cultura visual trata de estudar a dinâmica social da linguagem que esclarece e estabiliza a multiplicidade de significações pelas quais o mundo se apreende e se representa” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 54).

E de acordo com a compreensão emitida por Antunes (2000, p. 53), e nas próprias palavras, a “[...] percepção é uma aliada da sabedoria. É essencial que nossos alunos aprendam a enxergar mais profundamente e descubram a sabedoria crescendo com seu crescer; é essencial despertar-lhes a capacidade motora de enxergar, alfabetizá-los primeiro em olhar e depois em ver”. E assim instigá-lo a fazer suas considerações através de sua linguagem oral.

Para Santaella (2012), no contexto institucional da escola, a alfabetização visual deve ampliar sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens para transportar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações, e assim utilizar a linguagem oral de acordo com a visão que tem o leitor.

[...] presas à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos, as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos. Entretanto, desde a invenção da fotografia, seguida de uma série de meios imagéticos – cinema, televisão, vídeo – e agora em plena efervescência dos meios digitais, com suas variadas interfaces – computadores desktops, iPhones, iPads – o ser humano está rodeado de imagens por todos os lados, em cada canto e minuto do cotidiano, isso sem considerarmos que, mesmo dormindo, continuamos a ver imagens nos sonhos. Diante disso, nada seria mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem (SANTAELLA, 2012; p. 11).

O mundo atual configura-se como o mundo da informação através de imagens, que se processa num ritmo cada vez mais acelerado. As imagens tornam-se cada vez

mais presentes no nosso dia-a-dia, acelerando tal processo.

Para Metros (2013) essa visualidade se desenvolvida no ambiente escolar de forma ampla permite discutir, apreciar e criticar todos os tipos de textos visuais. Em seguida, a avaliação dos textos visuais deve reconhecer as três dimensões do afetivo, crítico e composicional. Vale ressaltar as características específicas dessas dimensões:

1. Afetiva: no processo de examinar imagens, expressões de prazer são sinais de envolvimento efetivo. Além disso, eles também podem ser aprovados pela observação de gestos, a discussão engajada sobre uma imagem e o prazer que as crianças participam da atividade. O afetivo significa quando cada pessoa compartilha seus pontos de vista sobre a imagem, apresentando sua interpretação pessoal dessa maneira.
2. Crítica: a avaliação do entendimento sociocrítico pode variar dependendo das categorias de idade e da situação de aprendizagem. Para os alunos mais jovens, como o ilustrador não desenhou a imagem claramente pode ser precursor de críticas mais complexas às escolhas feitas nas ilustrações. Embora cada aspecto da visualidade seja considerável, a crítica ideológica é a mais desafiadora para estudantes e professores.
3. Compositiva: O uso de metalinguagem específica é o principal aspecto desta dimensão. Conceitos como cor, ângulos, símbolos, linhas refletem um conhecimento metalinguístico sobre textos visuais. Os professores devem observar tais conceitos, especialmente quando estão ouvindo a resposta das crianças enquanto fazem uma avaliação (METROS, 2013; p.103).

De acordo com Kress e Leeuwen (2016), a maioria dos textos agora envolve uma interação complexa de textos escritos, imagens e outros elementos gráficos ou sonoros. Mas a habilidade de produzir textos multimodais desse tipo, por mais central que seja o seu papel na sociedade contemporânea, não é ensinada nas escolas. Em termos, essa nova habilidade essencial de comunicação, essa nova 'alfabetização visual', educação institucional acaba produzindo analfabetos.

Perante tal ocorrência é notória que a utilização de imagens como recurso didático contribui e desperta curiosidade no educando, melhorando assim de forma significativa seu aprendizado. A oralidade através da leitura imagética e midiática ajusta ao aluno a chance de sentir-se capaz de desenvolver essa habilidade e perceber os efeitos provocados por um texto não verbal.

Para Hernández (2000, p. 78) entender o que se vê, de acordo com a percepção e o conhecimento que se tem sobre o que está sendo visto/visualizado, o aluno terá condições mais precisas de expor a sua interpretação utilizando a linguagem oral:

Não se trata de aprender a ler uma imagem (como identificação de elementos visuais isolados), mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura (e não só as obras de arte definidas como tais pela cultura ocidental e recolhidas em seus museus e enciclopédias). E se conhecer é o primeiro passo, a reflexão sobre o visual como forma de interpretação da própria cultura seria outro.

Hernández (2000, p. 124) defende que “[...] interpretar é, portanto, decifrar. Por isto há graus de interpretação. Depende da familiaridade, da competência, do conhecimento que o intérprete tenha da situação”.

Vygotsky (1934) já distinguia em suas pesquisas que o conhecimento é realizado e construído através e nas interações sociais das quais o indivíduo participa, e que a linguagem é um instrumento mediador de todo esse processo.

Não apenas as palavras portam significado, mas quaisquer materiais que produzam sentido para a pessoa, pois sem o uso desses apoios textuais, a compreensão de tantas formas de comunicação seria limitada. E vale lembrar que “[...] a leitura de mundo precede a leitura das palavras” (FREIRE, 1983, apud GUIMARÃES, 2006, p. 2). Nessa perspectiva, as crianças, mesmo quando ainda não frequentam a escola, leem, interpretam e socializam os recursos de imagem e similares, sem apresentar problemas de comunicação.

Chartier (2009) apresenta como exemplo o livro de imagens. Assim, um mesmo texto imagético consegue provocar efeitos diferentes entre seus leitores, pois cada leitor tem o seu histórico de leitura. A variedade de interpretações, provenientes de leituras das imagens, proporciona aos alunos autonomia e liberdade para reflexão de compreensão. O valor da leitura de textos imagéticos em sala de aula é exatamente de fazer com que a imagem produza no aluno o efeito da singularidade, que se faz possível quando ele está aberto a imaginar o mundo ao se redor.

Partindo do pressuposto, que a criança quando chega à escola, já traz a sua leitura de mundo, pois ela tem um conhecimento prévio influenciado pela família e o meio em que vive, a leitura vai além da simples figura colocada para que o aluno faça a observação do que está vendo, pois a sua experiência ajuda a atribuir significados do mundo à sua volta.

3 METODOLOGIA

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, o presente estudo se caracteriza como exploratório, com ênfase na importância da oralidade na leitura de textos imagéticos e o embate entre a quantidade e a qualidade nesse processo.

Para Koche (2007), o principal objetivo da pesquisa exploratória é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, pois muitas vezes o pesquisador não dispõe de conhecimento para formular adequadamente um problema ou elaborar, de modo mais preciso, uma hipótese. Nesse caso, defende o autor, é preciso que se desencadeie um processo de investigação para identificar a natureza do fenômeno e apontar as características essenciais das variáveis que se quer estudar.

Para sistematizar as informações e investigar, de forma mais clara, partimos da análise bibliográfica, com embasamento teórico e, em seguida, a pesquisa de campo, que envolve o uso de questionário a partir de roteiro elaborado e apresentado previamente aos sujeitos da investigação. O questionário será aplicado as professoras em hora e dia marcado com antecedência, com os devidos cuidados, pois, mesmo com a pandemia da covid-19, os professores comparecem às escolas para cumprir um cronograma de atividades.

Esse tipo de coleta de dados técnicos é uma das principais ferramentas utilizadas na pesquisa em ciências sociais e desempenha um papel importante na pesquisa científica.

O questionário pode atender satisfatoriamente, pois permite o acesso a informações contextuais, mesmo que não fique claro o argumento do sujeito alvo dos questionamentos. O modelo semiestruturado permite que o pesquisador inclua perguntas mais abertas, flexíveis e espontâneas com base no que está sendo analisado.

A interpretação dos dados coletados ocorrerá mediante a devida análise qualitativa das narrativas das professoras. De acordo com Sousa e Cabral (2015, p. 151):

Essa metodologia de formação valoriza o desenvolvimento profissional dos professores como adultos, levando em conta o seu autoconhecimento, seus diferentes saberes e suas experiências constituídas ao longo de uma vida. Esses estudos, reflexões e discussões incitam nova forma de pensar sobre a forma de aprender dos professores.

Portanto, a narrativa torna-se significativa para o professor em seu processo de

formação, pois, como narrador, ele expressa seus problemas, as inquietações do trabalho docente cotidianamente.

Este estudo está embasado sobre uma pesquisa exploratória, com ênfase na importância da oralidade na leitura de textos imagéticos e o embate entre a quantidade e a qualidade nesse processo para fornecer informações e investigar de forma mais precisa através de pesquisas bibliográficas de forma a conseguir uma maior aproximação com o tema, que pode ser construído baseado em hipóteses ou intuições.

De acordo com Koche (2007), o principal objetivo da pesquisa exploratória é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, pois muitas vezes o pesquisador não dispõe de conhecimento para formular adequadamente um problema ou elaborar de forma mais precisa uma hipótese. Nesse caso, defende o autor, é preciso que se desencadeie um processo de investigação para identificar a natureza do fenômeno e apontar as características essenciais das variáveis que se quer estudar.

A escola, que serve de espaço da pesquisa, é a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo, foi projetada na gestão de 1996 a 2000, com o nome de EEF Batalha. A construção do prédio efetivou-se na gestão de 2000 a 2004. Recebeu essa nomenclatura em homenagem ao nome do município chamado, à época – Vila Batalha. Mais tarde recebeu o nome de Escola de Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo, que foi dado em homenagem ao ex-prefeito, por ter lutado pelo avanço da educação no município. Sua gestão foi marcada pela defesa dos alunos e professores e pela busca de recursos para investir na educação municipal, que tinha condições precárias à época. Foi em 5 de janeiro de 2012, mediante o Decreto nº 002, com base na Resolução 1.286/2006, que a nomenclatura da escola mudou.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY, 2019), ela traz os seguintes objetivos para a educação:

- Criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para a vida em sociedade.
- Permitir ao aluno exercitar sua cidadania a partir da compreensão da realidade, para que possa contribuir e sua transformação.
- Buscar novas soluções, criar situações que exijam o máximo de exploração por

parte dos alunos e estimular novas estratégias de compreensão da realidade.

- Melhorar a qualidade do ensino, motivando e efetivando a permanência do aluno na escola, evitando a evasão.
- Criar mecanismos de participação que traduzam o compromisso de todos na melhoria da qualidade de ensino e com o aprimoramento do processo pedagógico.
- Promover a interação entre escola e comunidade.
- Atuar no sentido do desenvolvimento humano e social, tendo em vista sua função maior de agente de desenvolvimento cultural e social na comunidade, a par de seus trabalhos educativos.
- Desenvolver projetos que complementem o processo de aprendizagem, visando tanto à aquisição de conteúdo quanto a sua socialização, conscientização ambiental, social e solidária na formação de todos os nossos alunos.

A escola atende em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Possui aproximadamente 100 funcionários, incluindo professores, coordenadores de turno, pedagogos, serventes, motoristas, cuidadores, monitores de transporte e informática, e aproximadamente 760 alunos.

A pesquisa ocorre a partir de questionário aplicado com professores que atendem às turmas de 1º ano do Ensino Fundamental da referida escola: dois professores regentes, um professor de Arte, um professor de Ensino Religioso, um professor de Inglês, e um professor de Educação Física. O questionário segue o roteiro composto por perguntas abertas, de acordo com os intentos da investigação e constante no Apêndice A do trabalho.

De posse dos dados coletados, serão analisados e discutidos os resultados, fazendo a interseção entre o apanhado teórico literário levantado com as informações obtidas na pesquisa de campo, com destaque para o posicionamento das professoras, ante as demandas que enfrentam diante do seu trabalho com a oralidade e o uso da leitura com imagens.

Como Produto Final, é apresentado um Guia Didático, com as orientações específicas com a sistematização de práticas pedagógicas que se mostrem relevantes para o trabalho com a oralidade na leitura de textos imagéticos com as professoras alvo da pesquisa. As mesmas farão uso em seu trabalho em salas de 1º. ano do

Ensino Fundamental.

O Guia Didático tem como fundamento as recomendações desenvolvidas no documento que se destaca atualmente para uso nas escolas brasileiras. Trata-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no qual estão prescritas orientações para o desenvolvimento das ações para toda a Educação Básica. O objetivo primordial deste produto educativo, é auxiliar aos que trabalham com os alunos da etapa de ensino aqui já destacada.

O produto, no devido momento, deverá ser sugerido à Secretaria Municipal de Educação de Presidente Kennedy, com o intuito de abordar o assunto da oralidade na leitura de textos imagéticos no 1º. ano do Ensino Fundamental, com um maior foco e importância. O Guia Didático buscará ampliar e diversificar as ações de professores e alunos para a leitura e escrita, dentro do foco aqui posto: leitura de imagens.

3. 1 PRESIDENTE KENNEDY/ES: CONTEXTUALIZAÇÃO

O município de Presidente Kennedy, Estado do Espírito Santo, surgiu a partir do seu desmembramento de Itapemirim, com emancipação em 30 de dezembro de 1963, a partir da Lei Estadual nº 1918. A lei estadual de criação/fundação da cidade entrou em vigor no dia 4 de abril de 1964,

O nome estabelecido foi em homenagem ao ex-presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy (1961-1963). A cidade está localizada no litoral Sul do Espírito Santo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o município possui atualmente cerca de 11.742 habitantes, em um território de 583,932 km².

Em termos econômicos, é a cidade com maior PIB *per capita* do país, por conta do repasse dos recursos dos *royalties*. A sua economia, no entanto, é majoritariamente ligada à agricultura, setor responsável por cerca de 70% da arrecadação oficial. O poder público municipal é o maior empregador, com cerca de 1,8 mil servidores, entre efetivos, em designação temporária e comissionados. Enfrenta inúmeros desafios, entre os quais está a criação de polos industriais, já que sua topografia favorece, por ser um território plano, e sua posição geográfica é interessante em aspectos logísticos, porque fica próximo a BR 101, entre outras rodovias (PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY, 2020).

Em sua vida cultural, o município possui ampla proposta, tanto para os seus

cidadãos quanto para os visitantes, com praias em sua orla de 16 km de extensão, sendo as mais conhecidas a Praia das Neves, que fica a 29 minutos do centro, e Praia de Marobá, a cerca de 20 minutos. Outros pontos que destacam a cultura local, tais como a Igreja das Neves, construída pelos padres jesuítas no século XVII com ajuda dos escravos e índios catequizados; área de manguezal, com aproximadamente 300 hectares cercados de Mata Atlântica e restinga; Trilhas para cavalgadas; Morro da Serrinha, que proporciona a prática de *trekking*; as farinheiras, com a sua tradição artesanal de fazer farinha caseira; fauna marinha, que inclui tartarugas que desovam nas praias locais, andorinhas do mar, golfinhos e até baleias jubartes, que passam pela região com destino a Abrolhos, na Bahia (PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY, 2020).

Em se tratando da área de educação, a rede municipal é uma das que mais investe por aluno em todo o Espírito Santo, mantendo uma média de R\$ 15 mil reais *per capita* na área. Resultado disso, a cidade já superou a meta nacional projetada para 2021 (6.0 pontos), em quatro pontos. Investe no Programa do Desenvolvimento da Educação Superior e Técnico (Prodest), com bolsas de estudos para cerca de 900 kennedenses nas faculdades dos municípios vizinhos, além de pós graduação e mestrado. Todos esses investimentos são para profissionalizar a população local, criando mão de obra qualificada, para atender as expectativas de demandas de surgimentos de novos postos de trabalho (PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY, 2020).

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista a aplicação do questionário da presente pesquisa, com o título “A importância da oralidade na leitura de textos imagéticos”, sob a responsabilidade da mestrandia, orientada pela Dr^a. Sônia Maria da Costa Barreto, e tendo ainda como objetivo compreender como os professores utilizam o uso da leitura de imagens para o desenvolvimento da linguagem oral e construção do conhecimento com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, apresenta-se a seguir os dados coletados e a sua devida discussão.

Para efeito de identificação dos sujeitos respondentes do questionário (Apêndice A), optou-se por caracterizá-los por letras do alfabeto (de “A” a “F”, sendo seis participantes) e assim, mantê-los no anonimato.

No que diz respeito à identificação dos participantes, todos são do sexo feminino, com idade entre 32 e 56 anos, assim especificada: três entre 30 e 49 anos; dois entre 40 e 49; um entre 50 e 56. Portanto, demonstram ter experiência de vida e vivência social.

O tempo de trabalho na área da educação mostra-se bastante eclético, sendo o grupo assim constituído: três com 02, 04 e 06 anos de experiência; dois com 11 e um com 19 anos; além de um com 29 e três com 30 anos.

Sobre o tempo de trabalho na EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, obteve-se a seguinte resultado: um (01 ano); dois (02 anos); um (04 anos); um (10 anos) e um (11anos).

Apresentaram ainda, em termos de titulação acadêmica, as seguintes informações: graduação (04), pós-graduação, em nível de especialização lato sensu (01) e Mestrado (01).

Passando às respostas das perguntas em relação à metodologia adotada pelas professoras, no trato com o tema objeto da pesquisa, temos os seguintes resultados:

Acerca da questão: **Quais são os métodos que utiliza para o trabalho com a oralidade dos seus alunos?**

Professora A: Leitura de livros literários/recorte de jornal/imagens, entre outros.

Professora B: Primeiramente, estimular o prazer pela leitura através de contos, fábulas, canções, poesias, através dos diversos gêneros que possa desenvolver no aluno sua criatividade e imaginação através dos recontos de história, criação de

pequenas encenações, releitura oral, para assim desenvolver sua habilidade de oralidade, estimulando sua participação e imaginação.

Professora C: Conto de acontecimentos vividos pelo aluno ou situação que ouviu contar. Produção de pequenos textos por meio da oralidade.

Professora D: Imagens.

Professora E: Leitura de histórias e contos. Além de estimular a imaginação, contar histórias ajuda a ampliar o vocabulário e a curiosidade das crianças sobre a linguagem.

Professora F: Contação de histórias e brincando.

Professora G: Leitura de imagens.

Professora H: Exposição oral de objetos, repetição da imagem.

Professora I: Realizo regularmente atividades que propiciem condições espontâneas de prática da oralidade (contações de histórias, recontos, conversas em grupos, entrevistas etc.).

Professora J: A contação de histórias e uso de brincadeiras.

Como se pode observar nas palavras das professoras, a utilização das metodologias que envolvem contação de histórias, uso de textos e recortes de textos, leitura de imagens, dentre outros, que a exploração dessas técnicas torna a atividade de aprendizagem com os alunos mais simples e contextualizada. Nas palavras de Santana (2010) diz que é a partir da interatividade e compartilhamento de experiências que as crianças adquirem o conhecimento de sua cultura e de seus hábitos.

Também se reitera, acerca de atividades dos alunos, como por exemplo, a reescrita, o fato de que as mesmas são muito positivas, pois põe o estudante como protagonista.

Assim,

O aluno na posição de autor é aquele capaz da autoria do seu próprio texto, usa-o como forma de expressar seus sentimentos, suas experiências, opiniões, ou seja, cria o efeito de singularidade. O aluno escrevente, por sua vez, é aquele que simplesmente reproduz as regras gramaticais e transmite, para seu texto, o discurso pedagógico fornecido pelo sistema escolar (CORAZINI, 2010 apud OLIVEIRA, 2013, p. 4).

Acerca da questão: **Faz uso de imagens para o ensino da oralidade dos seus alunos? Como isto ocorre?**

Professora A: Sim. Leitura de imagens em obras literárias sem mostrar a escrita/imagens soltas para que o aluno imagine o sentido da imagem e assim, e crie

seu próprio texto, a partir e sua imaginação.

Professora B: Sim. Através de vídeos.

Professora C: Sim, a linguagem não verbal está presente nos contos onde usamos apenas as imagens, para a criança desenvolver seu próprio entendimento da história. As atividades então voltadas com o uso de imagens estimulam a criatividade do aluno, levando a pensar e interferir nessas situações de escrita.

Professora D: Sim. Através de sequências de cartazes narrando uma determinada história. Imagens para investigar do aluno o que ele pode notar/ver através dela.

Professora E: Sim. Atividade com imagens e através delas pergunta.

Professora F: Contação de histórias em uma roda de leitura, proporcionar impressões sobre o que vê para depois reconhecer quem é o artista ou, se for o caso, explicar que história aquela imagem está contando.

Muitas vezes na alfabetização não aproveitamos todo o potencial de aprendizagem que as atividades que exploram a oralidade podem proporcionar. Geralmente as práticas de escrita e leitura são as mais valorizadas e são as que mais tomam espaço no planejamento nos Anos Iniciais.

O uso de imagens, ao que se percebe nas respostas apresentadas, se torna algo crucial, sabendo que “[...] nada seria mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem” (SANTAELLA, 2012; p. 11). As informações oportunizadas nos dias atuais são cheias de coloridos, que transcendem as palavras e exploram fortemente as imagens. Deste modo, nada mais óbvio, que explorar o imundo imagético do aluno.

Na concepção de Santaella (2012), no contexto institucional da escola, a alfabetização visual deve desenvolver sistematicamente as aptidões abrangidas na leitura de imagens para conduzir ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações. Nas palavras da autora,

[...] presas à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos, as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos. Entretanto, desde a invenção da fotografia, seguida de uma série de meios imagéticos – cinema, televisão, vídeo – e agora em plena efervescência dos meios digitais, com suas variadas interfaces – computadores, desktops, iPhones, iPads – o ser humano está rodeado de imagens por todos os lados, em cada canto e minuto do cotidiano, isso sem considerarmos que, mesmo dormindo, continuamos a ver imagens nos sonhos. Diante disso, nada seria mais plausível, e mesmo necessário, que a

imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem (SANTAELLA, 2012, p. 11).

Imagens visórias estão aparecendo cada vez mais arranjadas em recursos de aprendizagem e ensino em ambiente educativo, causa pelo qual o professor deve estar pronto para acolher essa realidade.

Acerca da questão: **Você detecta as dificuldades no seu ensino da oralidade a partir da leitura de imagens para seus alunos? Comente a sua resposta.**

Professora A: Sim. Pois o mesmo possui dificuldades, não tece comentários no que vê. É necessário fazer um trabalho de incentivo na leitura imagética, a qual muitas vezes, o aluno não corresponde em discutir o assunto, da leitura.

Professora B: Não.

Professora C: Para crianças do 1º ano do ensino fundamental é necessário estar sempre estimulando o aluno a pensar, a dificuldade é encontrada no desenvolvimento das atividades e na organização do tempo, visto que eles não possuem autonomia para realizá-las sozinhos.

Professora D: Não.

Professora E: Não, pois atividades com imagens o aluno identifica a imagem, associando a leitura, ou seja, a oralidade.

Professora F: As crianças com histórias de distúrbios na linguagem ou na fala são vários fatores que dificultam o ensino da oralidade. Sim. Evidenciar as imagens como textos que fornecem informações e possibilidades interpretativas.

As respostas deixam transparecer que desenvolver o ato da leitura de imagens e refletir sobre as mudanças interpretativas, partindo de cada indivíduo e da quantidade de informações disponíveis sobre a imagem em questão, se faz necessário, diante das dificuldades detectadas no desenvolvimento dos alunos.

Assim, ainda que sem definição teórica tão precisa, a imagem tem a capacidade singular de comunicar, transmitir uma mensagem. No caminho dessas ideias, pode-se afirmar que uma imagem fala muito mais que palavras. Aceitando tal máxima como verdade no espaço escolar, o modo que se entende o mesmo em meio à sociedade, a utilização da imagem em sala de aula para as crianças do 1º, ano do Ensino Fundamental poderia muito bem substituir, de efetivo, as aulas orais e expositivas, a fim de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem (HERNANDEZ, 2000; CHARTIR, 2009)

Acerca da questão: **Quais são os desafios que você observa para o ensino e aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura de imagens e oralidade?**

Professora A: Acredito que se faz necessário fazer um trabalho voltado para o desenvolvimento da leitura oral para o aluno que traz consigo tamanha dificuldade de falar.

Professora B: Falta de interesse, *déficit* de atenção.

Professora C: Além da timidez encontrada nessa fase, citaria a maturidade dos alunos na execução, por não terem essa autonomia, eles não se concentram em pensar.

Professora D: A questão da atenção da criança e o conhecimento prévio que a criança carrega quesito que facilita a interpretação.

Professora E: O aluno passa a ter uma visão melhor e conseqüentemente, ele vai ter uma oralidade melhor até em se expressar em sala.

Professora F: Do ponto de vista didático, os desafios do tratamento da oralidade em relação à leitura de imagens têm relação com as práticas de ensino desenvolvidas pelos educadores. O mundo é cada vez mais visual e a escola ainda não encontrou a melhor forma de utilizar a imagem a seu favor.

As imagens são grandes atenuadores no processo de aprendizagem, pois a criança, quando chega à escola, já traz a sua leitura de mundo que tem. Ela começa desde cedo a observar, atribuir significados aos seres e com as outras crianças, desenvolvendo o respeito, a tolerância à diversidade.

Seguindo uma compreensão que defende um trabalho mais efetivo com o uso de imagens com os alunos, deve-se levar em conta, também, aquilo que é dito por Hernández (2000, p. 78), quando este destaca que:

Não se trata de aprender a ler uma imagem (como identificação de elementos visuais isolados), mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura (e não só as obras de arte definidas como tais pela cultura ocidental e recolhidas em seus museus e enciclopédias). E se conhecer é o primeiro passo, a reflexão sobre o visual como forma de interpretação da própria cultura seria outro.

Acerca da questão: **As crianças com as quais trabalha apresentam uma leitura eficaz a partir de imagens a elas apresentadas? Justifique seu pensamento a respeito.**

Professora A: Não, percebo que há grande dificuldade na leitura de textos

imagéticos.

Professora B: Sim. A imagem estimula a leitura.

Professora C: Não muito, por causa dessa maturação e autonomia.

Professora D: Nem todas, mas a maioria costuma apresentar uma boa desenvoltura nas interpretações.

Professora E: Sim. Através de imagens eles conseguem produzir pequenas frases e até mesmo pequenos textos.

Professora F: Sim, usam vocabulário variado e adequado; encadeia as ideias com facilidade; expressa as ideias com facilidade. Observo que sabem transmitir do jeitinho deles o que foi apresentado ou pedido. Alfabetização visual, a partir de um variado repertório de imagens, contribuindo para que os alunos em seu cotidiano busquem um olhar mais crítico e atento diante da imensa variedade de imagens que lhes são apresentadas, dentro e fora da escola. Observador, apresenta uma postura de respeito em relação ao objeto.

As professoras se mostraram divididas em suas afirmações, oscilando entre “sim” e “não”, mostrando que existem dificuldades prementes na aprendizagem dos seus alunos. Desse modo, se faz necessário à exploração da capacidade de síntese no uso das imagens, pois:

Nascemos leitores de imagens muito competentes. A expressão do rosto de nossa mãe, o desenho do livro de histórias, o logotipo do caminhão, tudo é texto para nós. Até que nos ensinam que textos são feitos somente de letras que formam palavras que formam frases que formam parágrafos... diante do poder da palavra escrita, é preciso estimular o olhar para as imagens, todas elas: do anúncio ao grafite, do desenho animado ao álbum de família...isso precisa acontecer para o bem da própria palavra escrita, que se renova e se reinventa quando dialoga com a imagem (BUORO, KOK, ATIHÉ, 2008, p. 1).

É possível dizer, então, que a interpretação de uma imagem permite a reflexão do próprio conteúdo. No entanto, para tal, é importante o alfabetizado visual, da mesma forma como se foi alfabetizado na escrita, para que se compreenda as imagens, se decifre os seus códigos e se aponte o conhecimento cultural.

Acerca da questão: **Entende como necessário uma prática pedagógica docente eficiente para que a criança tenha conhecimentos da leitura e da escrita no 1º ano? Discorra sobre o que pensa a respeito.**

Professora A: Claro que é necessário um trabalho voltado para tal deficiência. Os alunos precisam saber discutir, dar suas opiniões, suas hipóteses em fim, opinar no que está sendo visto por eles.

Professora B: A escrita e a leitura caminham juntas, quando ocorre a evolução da leitura e a escrita não se desenvolve, são necessárias as intervenções.

Professora C: Essa etapa é fundamental para o desenvolvimento nos anos seguintes, detectar as dificuldades e buscar diminuí-las logo no primeiro ano, seria fundamental, para o desenvolvimento dessas habilidades (leitura e escrita), assim nos anos seguintes seria mais fácil aprimorar a escrita de textos com maior vocabulário e leitura.

Professora D: Importantíssimo! A alfabetização é tida como um alicerce para a construção do conhecimento. O professor precisa fazer a diferença nessa fase da vida da criança.

Professora E: Não entendi.

Professora F: Cabe ao educador zelar pelas expressões orais das narrativas infantis por tanto o docente deve desenvolver um trabalho tendo como objetivos encorajar o uso da fala e criar condições para aprendizagem de palavras novas ou seja o docente é desafiado a traçar estratégias para ajudar o aluno da melhor maneira possível potencializando-se os diferentes aspectos de linguagem solicita de cada criança. Ela tem que sair do 1º ano lendo e escrevendo palavras simples e pequenos textos ou pequenas frases. Sabemos para que ocorra uma boa alfabetização visual é fundamental que a criança se familiariza com as imagens que são apresentadas. Para que ao falar sobre a mesma sintam conforto e segurança ou seja bem à vontade.

Acredita-se que para superar os desafios da aprendizagem dos alunos, a partir do uso da imagem, é necessário entender que:

[...] os alunos: fazem leituras descritivas, [...] funcionam também como um recurso de memória, onde através de outras imagens podem se recordar; comparam imagens distintas. Foram atribuídos novos significados às imagens a partir de exercícios de comparação; realizam uma leitura seletiva. Destacaram apenas um aspecto presente na imagem; utilizam-se de diversos modos semióticos para identificar ou acompanhar a leitura. Apontar e acompanhar com o dedo das mãos ajuda na leitura e detalhamento da imagem; nem sempre fazem uma leitura da imagem no contexto do texto ao redor. O texto ao redor da imagem é ignorado. Em alguns momentos os alunos atribuem facilidade à leitura da imagem e acreditam que o texto não é necessário para o entendimento da mesma; leem o texto ao redor. Atribuem dificuldade de compreensão da imagem, sem a leitura dos textos anexos. Atribuem importância e papel pedagógico à legenda. Realizam uma leitura situada das imagens na página, em relação ao texto ao redor dão atenção aos aspectos composicionais das imagens. Imagens mais nítidas favorecem o entendimento (GOUVÊA; MARTINS; PICCININI, 2005, p. 39).

No momento em que a criança inicia a sua aprendizagem no espaço escolar,

normalmente é ensinada a decifrar somente as letras e os números. Falta-lhe, no entanto, a identificação com o mundo a sua volta.

Acerca da questão: **O uso de imagens é trabalhado pela escola, de modo geral, como metodologia para a aprendizagem das crianças? De que modo isto acontece?**

Professora A: Acredito que sim, porém não há um trabalho voltado para desenvolvimento do ensino em desenvolver a linguagem oral do aluno, onde o mesmo deveria mostrar o seu entendimento através da leitura oral com comentários, debates entre outros.

Professora B: Sem resposta.

Professora C: A leitura de imagens é fundamental nos textos não verbais, bem como leitura de ilustrações nas quais trazem informações a mais nos textos escritos.

Professora D: Através de cartazes informativos por toda parte das dependências da escola, arrumação da sala de aula tornando-a num ambiente alfabetizador, dos cartazes utilizados pelo professor e por meio de outros recursos ilustrativos.

Professora E: Nem sempre.

Professora F: O uso de leitura de imagens é importante no desenvolvimento e no processo de formação da criança nas esferas afetiva e cognitiva. Acredito que através de histórias contadas e desenhos apresentado por elas.

As imagens são grandes atenuadores no processo de aprendizagem, pois, quando a pessoa tem dificuldade em decodificar o código escrito ou quando a criança começa a entender o mundo, são as imagens que fazem a ligação delas com o meio através dos símbolos, como placas, desenhos e figuras ou até mesmo mídias, como a televisão, utilizando os desenhos animados para que a criança aprenda valores e reconheça os objetos.

Considerando a situação colocada pela pergunta, observa-se que as respostas mostram a preocupação da escola em trabalhar com a alfabetização imagética e fazer uso das imagens, como cartazes, desenhos e similares. É relevante a noção clara do fato de que, em um mundo que se mostra bem além das linguagens escritas, se faz necessário que se apresente aos alunos a proposta de capacitá-los para diferentes maneiras de se comunicar com o outro e se identificar com eles mesmos. Sabe-se que a criança cresce cercada de imagens, usadas em comerciais e propagandas, capazes de seduzir e se impor na vida dos sujeitos, com a intenção de fazê-los

acreditar que as sugestões visuais são o ideal para todos. Assim, determinam o comportamento, a moda, as marcas, massificando as escolhas decisões e relações (CARVALHO, 2006; CHARTIER, 2009; CHOMSKY, 1981; FILATRO, 2008).

Acerca da questão: **Como superar os desafios educacionais no 1º ano ao tratar-se da escrita e oralidade a partir de imagens?**

Professora A: Para superar tal desafio, o professor deverá adotar métodos de ensino diferenciados dos que já conhece, para sanar as dificuldades de escrita e oralidade, que o aluno traz consigo.

Professora B: Criatividade, formação do professor.

Professora C: Superar esse desafio dando atenção e olhar mais atencioso as dificuldades do aluno, e também oferecendo recursos para que o aluno possa apalpar, folhear, segurar, como: objetos, imagens, textos não-verbais, imagens. Jogos como: pareamento imagens/palavras, dentre outros recursos, no qual o aluno aprenderá com a ajuda do professor, sozinho e com seus pares.

Professora D: Através de muita produção de texto escrito e oral.

Professora E: Olha, difícil mas não impossível trabalhar imagens no 1º. ano faz com que o aluno desenvolva a leitura e também a oralidade.

Professora F: O uso da língua oral e escrita como metodologia propicia para o aluno não apenas escrever mais saber se comunicar com as diversas instâncias sociais, sobretudo a leitura de imagens auxilia no processo de desenvolvimento cognitivo. Outro aspecto positivo da oralidade é saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores e isso é fundamental. Sendo assim os desafios educacionais são superados, pois se não houver ouvinte, a interação não acontece, seja na leitura de imagens através de roda de leitura ou na escrita. As imagens podem possibilitar a aprendizagem das crianças de forma lúdica.

A leitura de imagens no 1º. ano do Ensino Fundamental é primordial para os alunos, pois possibilita reflexões sobre as informações adquiridas na escola e no cotidiano do educando, pois “[...] existem muitas maneiras de ler imagens [...]” (BUORO; KOK; ATIHÉ, 2008 p. 2), e a comunicação do objeto com o sujeito social, com os símbolos, com os signos e com os sinais postos nas imagens.

Dessa forma,

[...] é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de

maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2010, p. 100).

A leitura de imagens se torna uma proposição de metodologia interessante e relevante na sala de aula, podendo-se perceber a inclusão de detalhes e de novas combinações, bem como uma clara exploração do espaço.

[...] a leitura que se faz do mundo vem por meio dos nossos sentidos, da percepção, da imaginação, da intuição e do intelecto. Portanto, não somos passíveis às informações que nos chegam, apenas selecionamos o que nos sensibiliza e então é feito um recorte da realidade, através do modo como olhamos e encaramos o mundo Segundo (BUENO, 2011, p.151).

Assim, se faz necessário saber para reproduzir e, partindo do momento em que o aluno faz contato com um novo modo de expressão.

Os dados obtidos na pesquisa de campo, se relacionados com os objetivos da presente investigação, podem trazer algumas pontuações. Acerca do primeiro objetivo específico, pode-se destacar que a leitura verbal e não verbal estão inseridas nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula com os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, apenas observa-se não haver a profundidade necessária no ato de concretizar e solidificar as ações dos professores e alunos.

Quanto ao segundo objetivo específico, que se caracterizou por verificar como se desenvolve a habilidade de interpretar imagens no ensino da leitura; pondera-se que os profissionais buscam a utilização de métodos conhecidos e procuram atrair a atenção das crianças com as imagens selecionadas nas atividades do cotidiano escolar. Isto é muito positivo.

E em se tratando do terceiro objetivo específico, que foi produzir um Guia Didático contendo sugestões sobre o tema, direcionados aos professores das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, foi possível alcançá-lo a partir da constatação de pontos inseguros nas práticas dos professores. O Guia Didático visa exatamente aprimorar aquilo que ainda está um tanto embrionário nas metodologias usadas pelos colegas do Ensino Fundamental.

Por fim, em se tratando do objetivo geral desta pesquisa, que foi compreender como os professores fazem uso da leitura de imagens para o desenvolvimento da linguagem oral e construção do conhecimento com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, chegou à conclusão de que a compreensão obtida, a partir de todo esse volume de posicionamentos dos professores, é que, às imagens e sua utilização, no cotidiano de ensino e na aprendizagem das crianças, se fazem necessário.

Dois aspectos são bastante preponderantes. O primeiro refere-se ao fato de que as imagens estão presentes na vivência das pessoas e chamam a atenção para aquilo que se deseja comunicar, facilitando, assim, a assimilação das informações. O segundo aspecto tem relação direta com o universo da imaginação infantil, pois a criança é atraída a partir daquilo que lhe é posto diante dos olhos. Ela vê e busca pegar, tocar, se apropriar da imagem que está a sua frente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas desta pesquisa se basearam no desejo da autora em analisar os aspectos pertinentes aos desafios presentes na aprendizagem através da leitura e interpretação de textos visuais que impactam na oralidade dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas, situada no município de Presidente Kennedy/ES. Para isso, elaborou-se objetivos, os quais foram alcançados, a fim de chegar à finalização da pesquisa no prazo estabelecido com a estruturação das devidas considerações finais.

Foram realizadas, inicialmente, as discussões acerca das peculiaridades presentes na realidade local, onde a escola está inserida, a partir dos seus aspectos históricos e sociais. Assim, teoricamente abordou-se o assunto em evidência a partir de uma breve revisão de literatura, com a compreensão de trabalhos de pesquisa realizados por outros investigadores. Também se deu, na sequência, destaque para a importância que a linguagem tem para o ser humano, com a exposição das diferentes teorias acerca da aquisição da linguagem e a análise do expressivo valor que tem a imagem.

Na sequência do trabalho, realizou-se a pesquisa de campo, com ênfase na exploração de pontos concernentes aos desafios enfrentados por professores no uso de imagens para o desenvolvimento da oralidade em alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na escola universo da pesquisa, em Presidente Kennedy. Para a concretização desta fase, realizou-se a aplicação de questionário com professores. Com os resultados coletados do questionário, foram feitas as devidas discussões, com a ajuda dos referenciais teóricos disponíveis e explorados para embasamento dos argumentos postos.

E como consequência da detecção das situações presentes na realidade investigada, foi elaborado o Guia Didático (em forma de sequência didática), já proposto desde o início da empreitada, para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, no que tange à leitura e interpretação de textos imagéticos, para professores.

É possível destacar que os resultados apresentam-se de forma satisfatórios para a presente pesquisa. A partir daqui, crê-se que é possível detectar pontos importantes a serem explorados no desenvolvimento da aprendizagem e ir à busca de mecanismos que aprimorem tais pontos. Assim, pode-se também deixar a zona de

conforto, encontrando alternativas, mesmo que mais complexas por parte dos educadores, mas que proporcionam mudanças significativas na educação das crianças em fase de aprendizagem da leitura.

Por fim, pela relevância do assunto, apresenta-se também, como sugestão, a fim de incentivar futuras pesquisas nesta mesma linha, o desenvolvimento de estudos semelhantes para melhor pontuar o tema que envolve as imagens dentro da realidade dos alunos. Também a importância da formação dos educadores para um trabalho mais profícuo com a literatura que envolva mais as imagens, considerando que as imagens são grandemente vistas, de forma geral, nos meios midiáticos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, J. B. de. **Alfabetização para a leitura de imagens**: apontamentos para uma pesquisa educacional. Revista de Educação, n. 08, p. 15-21. Pontifícia Universidade Católica. PUC-Campinas. Campinas: 2010.
- ALMEIDA JÚNIOR, J. B. de. **Ter olhos de ver: subsídios metodológicos e semi-óticos para a leitura de imagens**. 2009. 190 f. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Ensino) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de maneiras de ensinar novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 3. ed. São Paulo: Prospectiva, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte /educação contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BERBERIAN, Ana Paula. **Psicogênese da linguagem oral e escrita**. Curitiba: IESDES, 2009.
- BISSOLI, L. **A leitura de imagens e indícios e a produção oral de textos por pré-escolares**. 2014. 73f. Monografia (Especialização em “Alfabetização”) Unesp - Campus de Rio Claro.
- BOMBINI, R.F.R. **O fuzilamento**: um olhar de Goya, outro do leitor. In: Salzedas, N. A. M. (org.). Uma leitura de ver: do visível ao legível. São Paulo: Arte e Ciência Villipress, 2010, p. 71-80.
- BRAIL. **Lei 9.394/96**. Lei de diretrizes e Base da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua portuguesa. Brasília: 1998.
- BUENO, Maria Lúcia Adriano. **Leitura de imagem**. Indaial: Uniasselvi, 2011.
- BUORO, Anamélia Bueno; KOK, Beth; ATIHÉ, Eliana Aloia. **O leitor de imagens**. Coleção Arte na Escola.. Encarte 07. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. Disponível em: http://www.artenaescola.com/links/documentos/Encarte_07_trabalho.pdf. Acesso em: 10 Fev. 2021
- CARVALHO, Silvana Oliveira. A importância da leitura e da produção textual na proposta das séries iniciais. In: **Caderno de aplicações**. Porto Alegre, 2006.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ática, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **A linguagem e social**. São Paulo: Futura, 1981. FILATRO, A. **Fatores da psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2008.

- FIORIN, Luís. **Gêneros textuais e linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOUVÊA, Guaracira; MARTINS, Isabel; PICCININI, Cláudia. Aprendendo com Imagens. Educação Não-Formal/Artigos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, 38-40, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a21v57n4.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- GUIMARÃES, Valter S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas: Papirus, 2004.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petropolis: Vozes, 2007.
- KRESS, Gunter; LEEUWEN, Theo Van. **Reading images: The Grammar of Visual Design**, 2nd ed. London and New York: Routledge, p. 17. 2006.
- METROS, S. E. **The Educator's Role in Preparing Visually Literate Learners**. Theory Into Practice, the College of Education and Human Ecology, 47, p. 103-145. 2013.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. Textos visuais e as mediações escolares: desenvolver a sensibilidade da criança. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani (Et Al). **Escolhas (Literárias) em jogo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 169 - 180.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Trad. Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY. **História do município**. 2020. Disponível em: <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/pagina/ler/1000/historia>. Acesso em: 10 Fev. 2021.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY. **Projeto Político Pedagógico**. 2019. Disponível em: <https://www.escol.as/174589-vilmo-ornelas-sarlo>. Acesso em: 21 Dez. 2020.
- RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. **Leitura de imagens para a educação**. 2008. 288 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- RODRIGUES, Carol. **Ninguém é igual a ninguém**. Suplemento do professor. São Paulo: 2021, Ludo Ludens. Disponível em: https://www.editoradobrasil.net.br/wp-content/uploads/2020/09/suplemento_ninguemeigualaninguem_PF_001.pdf. Acesso

em: 27 Abr. 2022.

ROSSI, M.H.W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo. Melhoramentos, 2012.

SANTANA, Carlos. **Psicolinguística e ensino do português**. São Paulo: Ática, 2010.

SANTOS, M. T. M. (Org.). **Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática**. Petrópolis: Petrópolis, 2012.

SILVA, Aiane Cínthia Freitas da. **Práticas de leitura, oralidade e escrita nas Séries Iniciais: análise na escola de Ensino Fundamental São Tomé - em Itaituba - Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba-Pará- BR-PA, 2019.

SILVA, C. L. C. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVEIRA, J. A. M. **Estudo da deficiência auditiva em crianças submetidas a exames de potenciais auditivos: etiologia, grau de deficiência e precocidade diagnóstica**. São Paulo: Price, 1992.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Cambridge. MA: Prentice Hall; 1964.

SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/26/outrostestos/semagdasoares.doc>. Acesso em: 30 dez 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. de O. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>. Acesso em: 18 nov. 2020. UNESP, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, Edições 1934.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Prezado professor (a)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A importância da oralidade na leitura de textos imagéticos”, sob minha responsabilidade e da orientadora Professora Dr^a. Sônia Maria da Costa Barreto, que tem como objetivo compreender como os professores utilizam o uso da leitura de imagens para o desenvolvimento da linguagem oral e construção do conhecimento com alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental.

Este questionário faz parte de um dos instrumentos de coleta de dados, que será fundamental para a pesquisa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, pela Faculdade Vale do Cricaré, em São Mateus, ES.

Qualquer dúvida, entrar em contato: Telefone: 28 99967-9001; E-mail: valkiriasneves@gmail.com

I Identificação

Sexo:

() Masculino () Feminino Idade: _____

Tempo de trabalho na educação: _____ Tempo de trabalho na escola: _____

Formação Acadêmica: _____

1 - Experiência profissional: Quanto tempo na trabalha na educação?

II Metodologia

1 - Quais são os métodos que utiliza para o trabalho com a oralidade dos seus alunos?

2- Faz uso de imagens para o ensino da oralidade dos seus alunos? Como isto ocorre?

3 - Você detecta as dificuldades no seu ensino da oralidade a partir da leitura de imagens para seus alunos? Comente a sua resposta.

4 - Quais são os desafios que você observa para o ensino e aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura de imagens e oralidade?

5 - As crianças com as quais trabalha apresentam uma leitura eficaz a partir de imagens a elas apresentadas? Justifique seu pensamento a respeito.

6 - Entende como necessário uma prática pedagógica docente eficiente para que a criança tenha conhecimentos da leitura e da escrita no 1º ano? Discorra sobre o que pensa a respeito.

7 - O uso de imagens é trabalhado pela escola, de modo geral, como metodologia para a aprendizagem das crianças? De que modo isto acontece?

8 - Como superar os desafios educacionais no 1º ano ao tratar-se da escrita e oralidade a partir de imagens?

APÊNDICE B – PROPOSTA DE GUIA DIDÁTICO, EM FORMA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA, PARA PROFESSORES DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

APRESENTAÇÃO

- O público-alvo: Docentes do 1º ano do Ensino Fundamental

A partir da compreensão sobre o comportamento dos seus alunos e as dificuldades percebidas, o professor irá desenvolver atividades usando, para tanto, recursos tais como fotos nas produções dos alunos nas atividades orais e escritas.

- A utilização de histórias com ilustrações diversas

Deve-se usar como maior foco da sequência didática a leitura de histórias ilustradas, a fim de abordar as imagens presentes nos livros infantis, com o estímulo à interpretação e ampliação da capacidade autônoma de leitura através do entendimento do sentido das imagens ilustrativas presentes nas obras literárias.

A inserção da literatura infantil, entrelaçando imagens e palavras, na prática do trabalho docente no cotidiano da sala de aula, pode beneficiar os alunos em sua autonomia, além de se tratar de um tipo de leitura associada a uma atividade que atrai a atenção das crianças como algo relevante, bastante envolvente e recheado de significados.

O uso de histórias ilustradas na sala de aula torna-se, desse modo, um forte aliado para que a exploração da sequência didática seja bem-sucedida no processo de aprendizagem.

Quadro 1 – Livro utilizado na sequência didática¹

Título do Livro	Autoras	Editora
Ninguém é igual a ninguém: o lúdico no conhecimento do ser.	Regina Otero Renno	Editora do Brasil Ludoludens

Fonte: Produção da pesquisadora, 2021.

Na escolha desta obra literária levado em conta o critério da afinidade com a realidade da comunidade onde a escola objeto da pesquisa, principalmente por sua simplicidade de vivência comunitária e suas peculiaridades. Este livro foi publicado

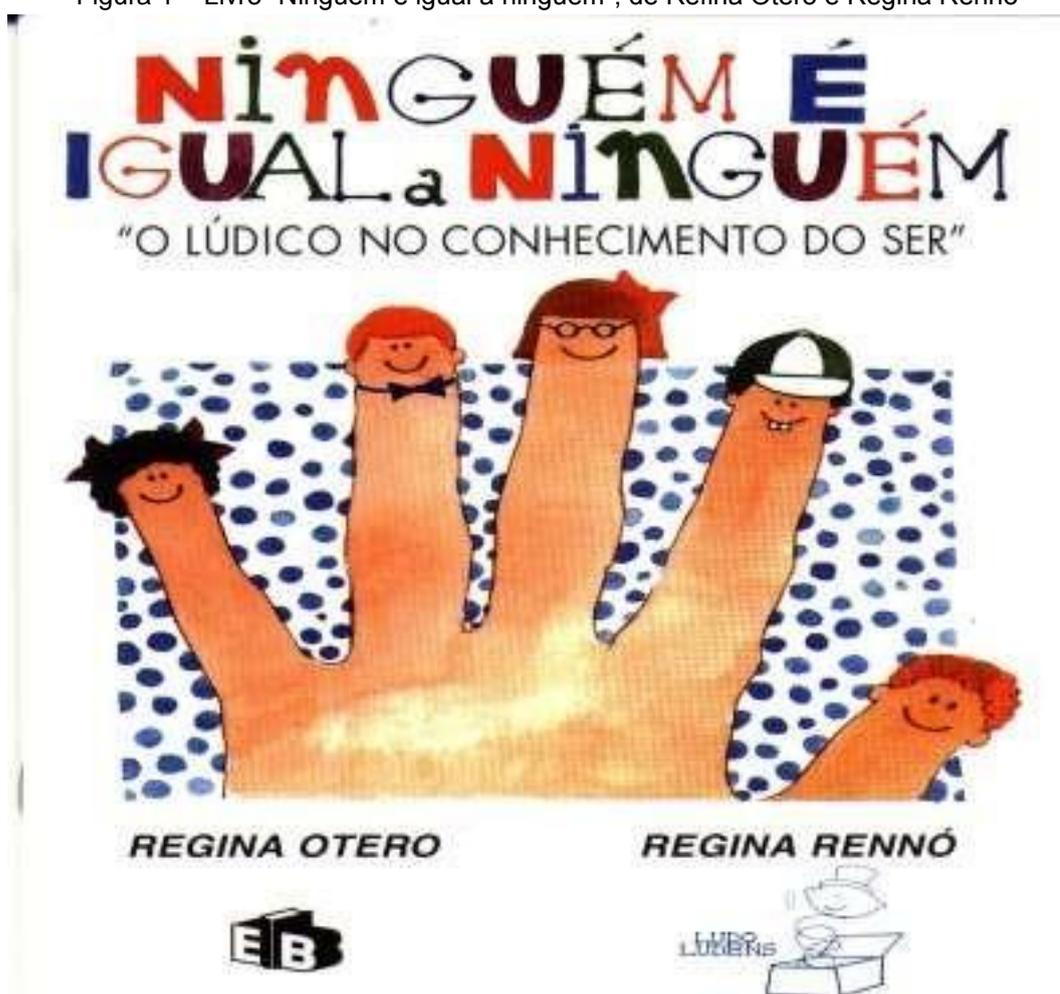
¹ É importante destacar que o livro foi editado pela primeira vez, no ano de 1994, portanto, antes da oficialização (em 2008) do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Deste modo, palavras constam no livro com o uso, por exemplo, do trema (“ilngüiça”). Esta é a edição aqui utilizada.

pela parceria entre as editoras do Brasil e Ludo Luden e se adequa ao proposto pelo trabalho realizado pela pesquisadora durante suas investigações realizadas em campo.

Vale destacar ainda que (RODRIGUES, 2021),

O nosso mundo é uma verdadeira reunião de diversidade e são muitos os elementos que a compõem, em um delicado equilíbrio. As cores e seus tantos tons diferentes são um ótimo exemplo para explicar essa diversidade: seria até estranho imaginar um mundo que ficasse restrito a apenas uma cor ou uma tonalidade, não é mesmo? De forma lúdica, o livro Ninguém é igual a ninguém apresenta esse mundo colorido ao leitor, mostrando que não só há uma infinidade de cores, mas também de pontos de vistas sobre o que é “cor de pele”. Em uma aula de arte, os alunos irão aprender que não existe resposta certa, mas todo um universo de possibilidades de peles e de cores. Essa narrativa sobre celebrar as diferenças é complementada por diversas atividades ao final para que as crianças possam entender de forma prática e realista como é importante respeitar as diferenças. Um clássico de cara nova para que futuras gerações continuem a explorar este tema tão fundamental à humanidade.

Figura 1 – Livro “Ninguém é igual a ninguém”, de Refina Otero e Regina Renno



Fonte: Produção da pesquisadora (2022).

A Figura 1 mostra a imagem da capa da obra infantil indicada pela pesquisadora como material apropriado para uso nas atividades da sequência didática que é proposta por esta dissertação.

- **O desenvolvimento das atividades e a avaliação**

As atividades que estão inclusas no passo a passo da sequência didática (o planejamento, a realização e a revisão) devem ser propostas a três ou quatro grupos de alunos, atendendo à quantidade de crianças existente na sala do 1º ano do Ensino Fundamental. As atividades se relacionarão com histórias breves, cada uma lida dentro da aplicação da sequência didática, a exemplo do livro aqui já referido.

O desenvolvimento e a avaliação dos resultados do trabalho com a sequência didática podem utilizar os quatro passos indicados a seguir:

- Identificar as dificuldades presentes na compreensão e interpretação autônomas dos alunos;
- Aplicar a sequência didática com a utilização de metodologia fundamentada em literaturas adequadas à idade das crianças, com destaque para conteúdos ilustrados;
- Comparar as condições anteriores e as posteriores a aplicação da metodologia que se fundamentou na leitura e interpretação visual das imagens e ilustrações dos livros usados;
- Analisar e tirar conclusões sobre a aplicação da metodologia fundamentada no uso da leitura de livros infantis ilustrados.

APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

- **Texto:** Ninguém é igual a ninguém
- **Autoras:** Regina Otero e Regina Renno
- **Público-alvo:** Alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental
- **Duração:** 5 aulas
- **Objetivo da atividade:** Ampliar a compreensão leitora, a fim de que os alunos adquiram autonomia de leitura e interpretação de imagens.

Figura 2 – Capa do livro “Ninguém é igual a ninguém”.



Fonte: <https://ler-livros.com/ler-online-ebook-pdf-ninguem-e-igual-a-ninguem-assunto-de-familia-serie-ludo-ludens-baixar-resumo/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

- **Situação de aprendizagem:** conhecimento e domínio do texto.
- **Sinopse:** O livro “Ninguém é igual a ninguém” faz refletir que ninguém é igual a ninguém, o que todo mundo já sabe. A novidade do texto é que ele mostra como é gostoso a gente ser o que é, sentir o que sente e viver como vive, independentemente da opinião dos outros. Além disso, o personagem Tim traz uma proposta lúdica muito especial (RODRIGUESM 2021).

- **As sugestões para o uso de estratégias para introdução da leitura**

Para atrair a atenção e o interesse das crianças, o professor, em sua leitura da obra literária, deverá fazer uso de:

- Conexões: situações do livro e do cotidiano dos alunos;
- Inferência: a partir de suposições, deduções, pistas acerca de pontos;
- Visualização: apresentação de imagens aos alunos para comentários;
- Questionamento: perguntas soltas e conexas com as ideias propostas;
- Síntese: proposição da história em palavras mais simples e resumidas;
- Sumarização: listagem de pontos relevantes que foram detectados na narrativa;

- **A oficina de estratégias de leitura com o livro infantil indicado:**

- Oficina de leitura: 60 minutos
- Momento introdutório: 10 a 20 minutos
- Atividade orientada: 30 a 50 minutos
- Compartilhamento do texto com os colegas: 10 a 20 minutos

- **A busca de interesse e da curiosidade dos alunos**

Com a apresentação do título do livro para os alunos, o professor convocará os mesmos a criar inferências. Assim, estrutura-se um ambiente de roda de conversa para fazer perguntas e coletar hipóteses dos alunos sobre a história e seu desfecho:

- Alguém sabe citar as diferenças entre si e os colegas?
- Já foi chamado (a) de apelido por ser igual a algum dos meninos que estão no livro?
- Como você se sentiu?

Aqui o objetivo é promover o envolvimento do leitor com a história, buscando levantar o interesse pelo desenrolar dos acontecimentos da história. Leva em consideração o uso do tempo dentro dos 60 minutos de leitura.

- **Para fazer as conexões no entendimento do texto**

- Relação entre o texto e o leitor: quando eu ouço/leio a história eu lembro qual situação do meu cotidiano?

Exemplo: Quando eu ouvi essa história eu me lembrei dos meus coleguinhas da rua onde moro e com os quais eu brinco diariamente.

- Relação entre texto e mundo: quando eu ouço/leio a história eu recordo de

alguma conversa sobre como as pessoas são diferentes umas das outras? O que essa história me faz lembrar?

Exemplo: Quando eu ouvi a história eu lembrei como é triste ser trado com preconceito.

- Relação entre texto e texto: quando eu leio/ouço essa história eu me recordo de outro texto que destaca o mesmo assunto ou semelhante (música, história em quadrinho, filme, outro livro, outros).

Exemplo: Quando eu ouvi essa história eu lembrei do desenho ou filme...

- **Produzindo inferência a partir da visualização das imagens**

Visualizar é, sobretudo, inferir significado. Por isso a visualização é uma forma de inferência, justificando a razão das duas estratégias estarem conectadas. Ao visualizar, os leitores criam imagens mentais da história. A ilustração é a inferência do ilustrador, seu ponto de vista.

Sobre as inferências, preencher o quadro a seguir:

Gravura	Inferência
As diferenças entre as pessoas e seus significados	Sentimentos, posturas, Comportamentos.
Os pais e seus filhos	Família, tradição e amor.
O modo de ser de cada pessoa	Comportamentos individuais.
Cor da pele	Abundância.
Modo de se comportar	Liberdade.
Outras imagens	Deixar a imaginação fluir.

Ao visualizar a capa do livro, os leitores também fazem as suas inferências. Ao incentivar os alunos a fazerem tais inferências, o professor ajuda o leitor a apropriar-se da história e vincular-se a ela. Assim, através da visualização o leitor é conduzido à melhor compreensão da leitura.

- **As finalidades intelectuais da ação de ler**

As perguntas a seguir visam conectar os leitores aos aspectos estudantis e técnicos da leitura realizada, com vistas à preparação deles para futuras análises literárias.

- Quem é a autora do texto?

- Qual é o objetivo desse tipo de leitura (ler para estudar, buscar informações etc.?).
- Este texto é importante para quem o lê? Por quê?

- **Atividade a ser aplicada na aula 1**

QUADRO DE REFERÊNCIA			
	Sim	Não	Observação
Eu visualizo			
Eu faço previsões e inferências			
Eu esclareço algum aspecto do texto			
Eu lembro de alguma outra situação semelhante			
Eu destaco personagens, pessoas ou criaturas.			
Eu faço percebo ilustrações ou características			
Eu percebo eventos e/ou fatos.			
Eu destaco espaços ou lugares.			
Eu visualizo, usando meus sentidos (olfato, audição, paladar ou sentimentos).			
Eu tenho reações físicas (calor, frio, com sede, estômago doendo ...)			

- Atividade a ser aplicada na aula 2**ATIVIDADE QUE ENVOLVE A VISUALIZAÇÃO**

Aluno(a): _____

Título do livro: _____

Autor: _____

- 1) Após a leitura do texto “Ninguém é igual a ninguém”, desenhe as imagens que você visualizou durante a narrativa:

- Atividade a ser aplicada na aula 3**ATIVIDADE QUE ENVOLVE AS CONEXÕES**

Aluno: _____

Título do livro: _____

Nome do autor: _____

Conexão do texto com o leitor

1) Após a leitura do livro “Ninguém é igual a ninguém, lembrei-me de que um dia em que fiz”... (desenhe o que fez)

Conexão do texto e com o texto

2) Quando da leitura do livro “Ninguém é igual a ninguém”, lembrei-me que já tinha assistido a um desenho, visualizando uma imagem na TV ou em um quadro pintado.

Conexão do texto com o mundo

3) Com a leitura de “Ninguém é igual a ninguém”, lembrei-me de algo ou um acontecimento ocorrido e ouvi um adulto falar (desenhe o que ouviu),

- Atividade a ser aplicada na aula 4**ATIVIDADE ENVOLVENDO A LEITURA DE IMAGEM: VISUALIZAÇÃO,
INFERÊNCIA E SUMARIZAÇÃO**

Aluno: _____

Título do Livro: _____

Nome do autor: _____

1) Observe a ilustração da capa e realize a leitura de imagem utilizando:
visualização, inferência e sumarização.

a) Quais sentimentos essa imagem provoca em você?

b) A imagem é composta por elementos vivos ou objetos?

c) Quais elementos básicos da arte você consegue identificar?

2) Escolha uma ilustração no livro e realize a leitura de imagem utilizando:
visualização, inferência e sumarização.

a) Quais sentimentos essa imagem provoca em você?

b) A imagem é composta por elementos vivos ou objetos?

c) Quais elementos básicos da arte você consegue identificar?

3) Observe a ilustração da primeira página do livro e realize a leitura de imagem utilizando: visualização, inferência e sumarização.

a) Quais sentimentos essa imagem provoca em você?

b) A imagem é composta por elementos, vivos, móveis ou objetos?

c) Quais elementos básicos da arte você consegue identificar?

- Atividade a ser aplicada na aula 5**ATIVIDADE RELEITURA**

Aluno: _____

Título do livro: _____

Nome do autor: _____

- 1) Escolha uma ilustração do livro “Ninguém é igual a ninguém” e realize uma releitura da imagem escolhida:

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY
EMEIEF "VILMO ORNELAS SARLO"**

Eu, **Carmem Lúcia Custódia da Silva**, ocupante do cargo de diretor na **EMEIEF "Vilmo Ornelas Sarlo"**, autorizo a realização nesta instituição da pesquisa intitulada **"A importância da leitura de textos imagéticos na oralidade: 1º. Ano do Ensino Fundamental – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy/ES."** sob a responsabilidade da pesquisadora **Valkiria Santana das Neves Cruz**, tendo como objetivo verificar como se desenvolve a habilidade de interpretar imagens no ensino da leitura.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como, instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy 15 de *abril* de 2021.

Carmem Lúcia C. da Silva

Assinatura do responsável da instituição coparticipante

Carmem Lúcia C. da Silva
Diretora Escolar - P.F.
DEC 1007016



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY**

Eu, **Fátima Agrizzi Ceccon**, ocupante do cargo de secretária municipal de educação, autorizo a realização na **EMEIEF "Vilmo Ornelas Sarlo"**, que fica localizada no município de Presidente Kennedy - ES, da pesquisa intitulada "**A importância da leitura de textos imagéticos na oralidade: 1º. Ano do Ensino Fundamental – EMEIEF Vilmo Ornelas – Presidente Kennedy/ES.**", sob a responsabilidade da pesquisadora **Valkiria Santana das Neves Cruz**, tendo como objetivo verificar como se desenvolve a habilidade de interpretar imagens no ensino da leitura.

Afirmo que fui devidamente orientada sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta secretaria, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta secretaria está ciente de suas responsabilidades como entidade coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

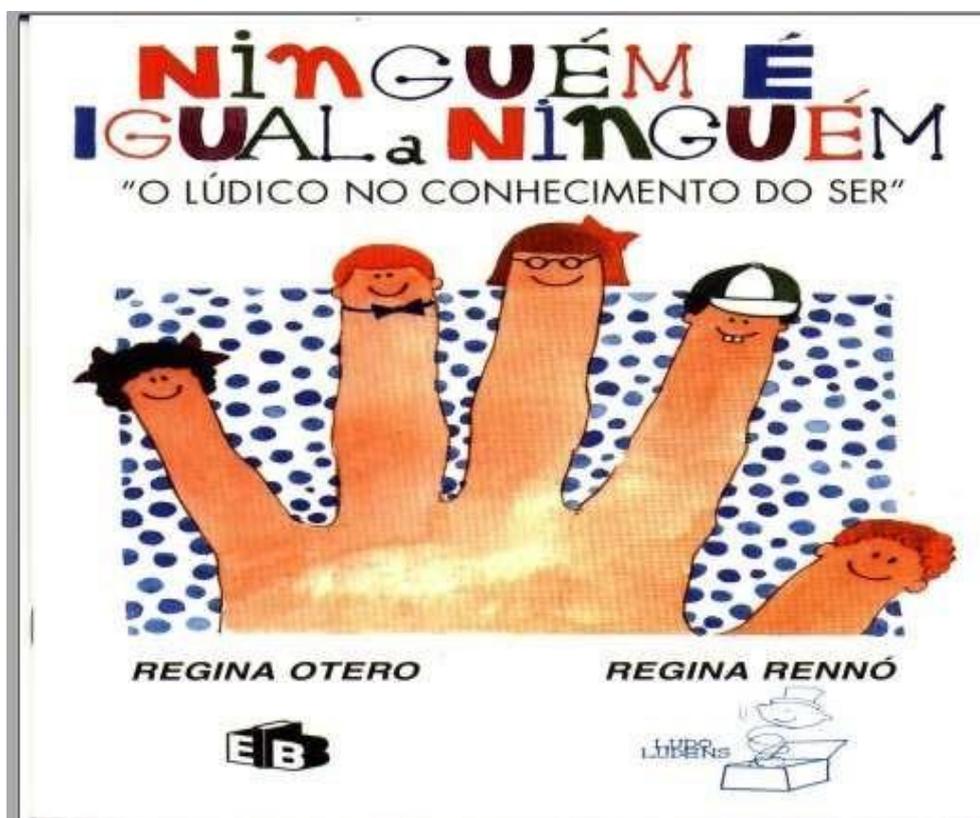
Presidente Kennedy, 15 de abril de 2021.

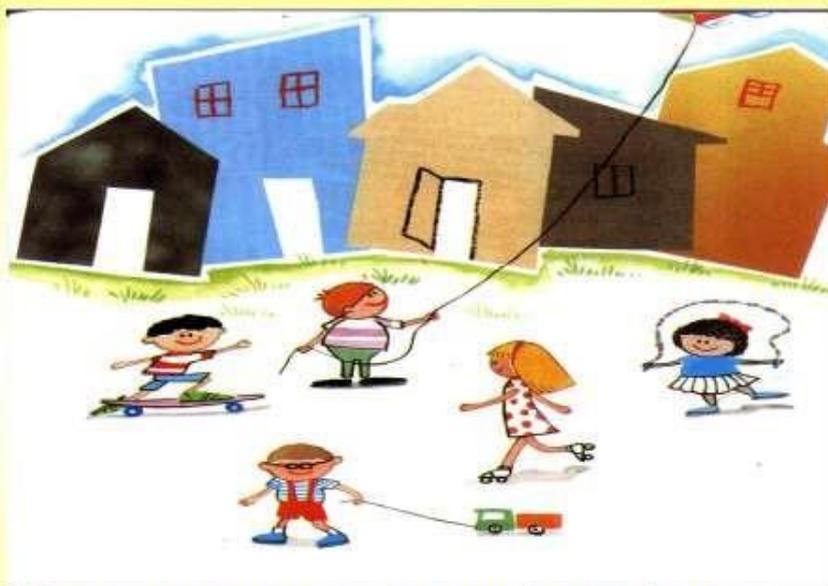
Assinatura da secretária municipal

Fátima Agrizzi Ceccon
Secretaria Municipal de Educação
Licença n.º 129/2019

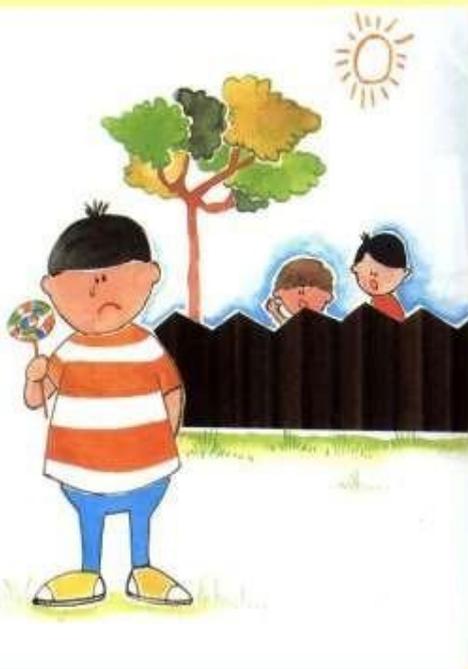
ANEXOS

ANEXO A – LIVRO COMPLETO “NINGUÉM É IGUAL A NINGUÉM” – escaneado





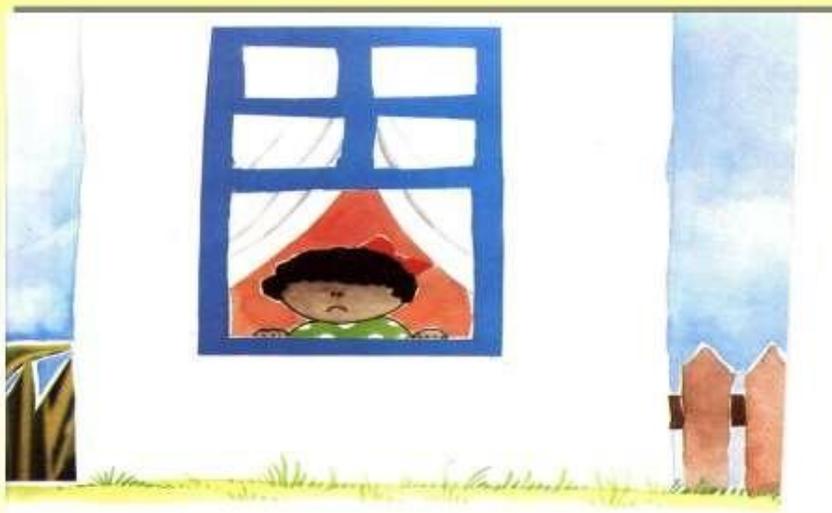
Moro em uma rua que não é grande nem pequena e tem gente de todo jeito.



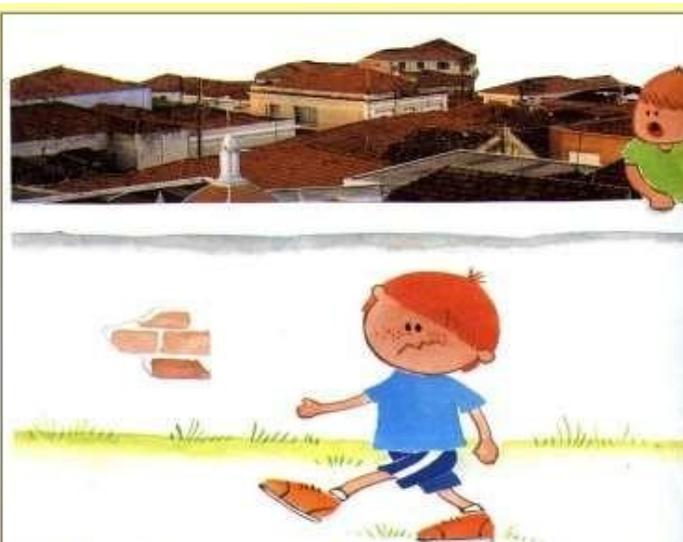
Paulinho, meu vizinho da esquerda, é gorducho. Alguns meninos vivem gritando pra ele:

“Paulinho, baleia, saco de areia”.

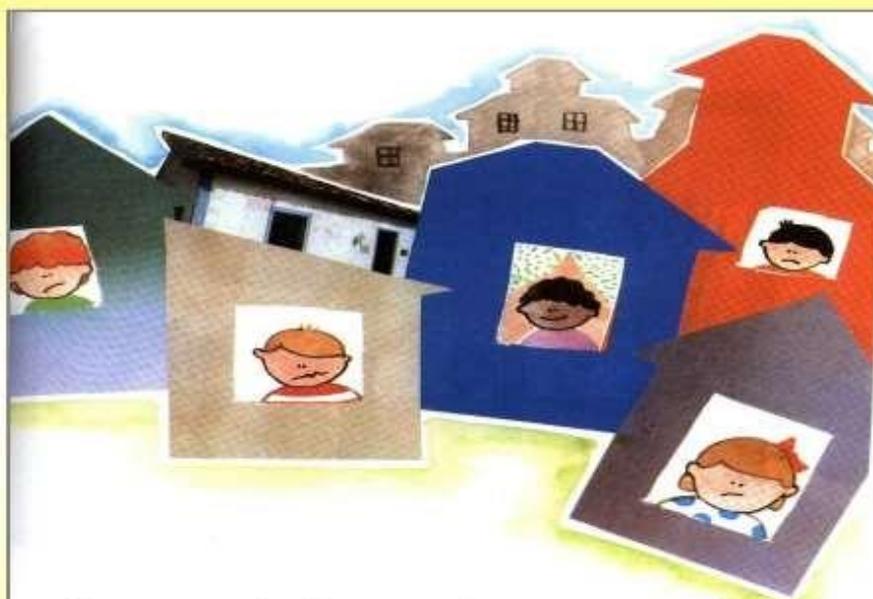
Ele chora e chora.



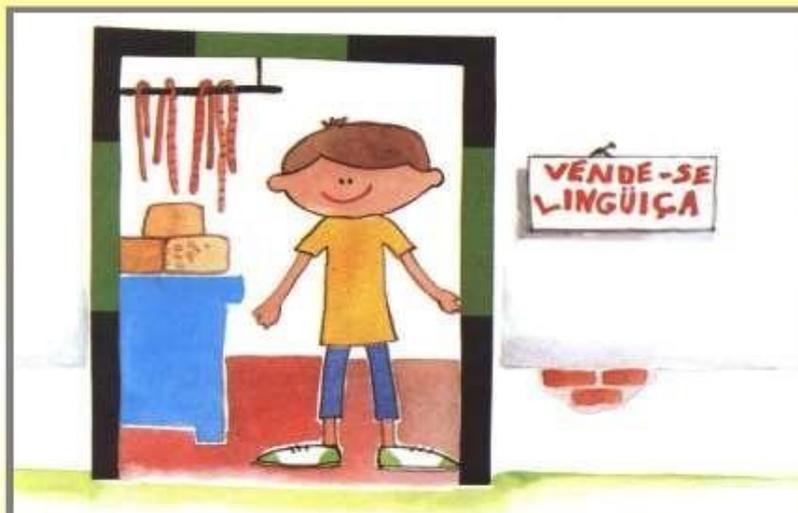
Joana, a vizinha da direita, é negra e sempre diz que queria ser branca.



Davi, que mora em frente, é ruivo e fica furioso quando o chamam de cabeça de fogo. É fogo mesmo.



É que em toda casa, tem sempre alguém que quer ser diferente do que é.



Eu sou magrelo porque é assim que sou. Antes não gostava que ninguém mexesse comigo. Já tive apelido de palito, vareta, lingüiça.



Agora nem dou bola mais pros apelidos, pois não sou lingüiça, nem palito, nem vareta.

Sou um menino chamado Danilo que não é gordo, nem médio, sou magro e bom das pernas. Não perco uma corrida.

Tenho outro amigo que queria ser o mais inteligente de todos. Ficava nervoso quando alguém aparecia com notas maiores do que as dele. Ora, cada um tem a nota que tem, a casa que tem, a cor que tem.



Já pensou se todos fossem iguais? Acho que as pessoas teriam que andar com o nome escrito na testa para não serem confundidas com as outras.

